



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COORDENADORIA ESPECIAL DE MUSEOLOGIA
CURSO DE MUSEOLOGIA

Traços da Memória: Arte, Envelhecer e Mediação Cultural entre BRDE e Clube 12

Juliana Bleides da Silva

Florianópolis
2025

Juliana Bleides da Silva

Traços da Memória: Arte, Envelhecer e Mediação Cultural entre BRDE e Clube 12

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Museologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Orientadora: Karine Lima da Costa.

Florianópolis
2025

Bleides da Silva, Juliana

Traços da Memória : Arte, Envelhecer e Mediação
Cultural entre BRDE e Clube 12 / Juliana Bleides da
Silva. Orientadora, Karine Lima da Costa, 2025.
73 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Museologia,
Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

1. Museologia. 2. Envelhecimento. 3. Pessoas Idosas. 4.
Educação Cultural. 5. Mediação. I. da Costa, Karine Lima.
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Museologia. III. Título.

Juliana Bleides da Silva

Traços da Memória: Arte, Envelhecer e Mediação Cultural entre BRDE e Clube 12

Este trabalho de conclusão de curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharel em Museologia e aprovada em sua forma final pelo Curso de Graduação em Museologia
Florianópolis, 09 de dezembro de 2025

Prof.^a Dr. Karine Lima da Costa

Coordenadora do Curso de Museologia (UFSC)

Banca Examinadora: _____
xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

Dedico este trabalho à minha avó ancestralizada, Edinelza Blads, e à minha tia Vera. Duas mulheres maravilhosas que me criaram, me acolheram, me escutaram e compartilharam comigo seus afetos. Sem elas, eu não teria chegado até aqui.

AGRADECIMENTOS

À Deus, grande Ser que rege o universo e me guiou e protegeu durante esses 8 anos morando do outro lado do Brasil, longe do meu lar;

Às políticas públicas de assistência social ao estudante e políticas de permanência na universidade, sem as bolsas da Pró-Reitoria de Permanência e Assuntos Estudantis (PRAE) e sem a isenção da entrada no Restaurante Universitário (RU) eu jamais teria conseguido ter tempo de qualidade para estudar e me formar enquanto museóloga por uma das melhores universidades públicas do país;

Aos meus pais Michela e Jucimar que me criaram para viver o mundo, me deram todo apoio emocional para eu seguir meus sonhos, não importa qual seja;

À minha família: tia Vera, Emily, minha irmã Júlia, tio Sandro, tia Socorro, tia Marta entre outros familiares – que são muitos – agradeço profundamente por cada apoio, cada ligação, cada abraço e pela torcida de vocês. Com toda certeza, sem minha família essa caminhada teria sido muito mais árdua;

À Luciana e Franco que abriram a porta de casa e de suas vidas para me receber, mesmo nem me conhecendo. Vocês foram minha família quando eu não tinha mais ninguém, me deram casa, comida, aconchego e muito amor. Sempre que eu precisei de um amparo, vocês me acolheram, minha gratidão será eterna, nosso elo vai durar vidas e vidas;

Às minhas amigas Jaynnie e Beatriz, o que seria de mim sem vocês? Todas as videochamadas, conversas, desabafos me deram força pra continuar. Vocês são prova viva de que o amor quando é de verdade, não tem distância no mundo (apenas falta de internet) que possa afastar;

À Flora Bazzo que foi minha supervisora de estágio por quase dois anos no MARquE, onde me guiou na escrita do projeto deste TCC, me deu os melhores macetes para escrever um texto coeso e simples de ler;

Às professoras Thaina Castro, Renata Padilha por sempre estarem à disposição para nos ajudar no que for, nos ensinaram que a museologia é feita por muitas mãos, no coletivo, por nos mostrar os caminhos por onde seguir e nunca ter soltado as nossas mãos;

À minha orientadora Karine Lima, que sempre foi um amor comigo;

E claro, aos amores que a ilha da magia me deu, vocês sabem quem são!

*“Os mais velhos caminham comigo,
me ensinam o que a memória não alcança,
me mostram que o tempo é também casa
onde a gente volta para aprender de novo.”*

Julie Dorrico — povo Macuxi
(Ancestrais, em *Eu sou Macuxi e outras histórias*)

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso analisa como ações educativas em espaços culturais podem promover envelhecimento criativo, fortalecer memórias e ampliar a autonomia de pessoas idosas. A pesquisa, de abordagem qualitativa, combinou revisão bibliográfica com um estudo de caso realizado no Espaço Cultural BRDE, envolvendo visita mediada à exposição Virando Esquinas, roda de conversa e oficina de desenho com idosas do CEMUPI, além de entrevistas com as artistas Lisete Assen, Juçara Romão e Maria Conceição “Puca”. Os resultados mostram que a participação cultural estimula criação, pertencimento e autoestima, revelando a arte como campo potente de expressão na velhice. O estudo também aponta limites estruturais e a falta de políticas públicas contínuas para o acesso cultural da população idosa, concluindo que programas permanentes de mediação cultural são fundamentais para promover cidadania e envelhecimento ativo.

Palavras-chave: Envelhecimento; Educação cultural; Mediação; Pessoas idosas; Criatividade

ABSTRACT

This Final Course Project analyzes how educational activities in cultural spaces can promote creative aging, strengthen memories, and increase the autonomy of older adults. The qualitative research combined a literature review with a case study conducted at the BRDE Cultural Space, involving a guided visit to the Virando Esquinas exhibition, a roundtable discussion, and a drawing workshop with elderly women from CEMUPI, as well as interviews with artists Lisete Assen, Juçara Romão, and Maria Conceição “Puca.” The results show that cultural participation stimulates creativity, belonging, and self-esteem, revealing art as a powerful field of expression in old age. The study also points out structural limitations and the lack of continuous public policies for cultural access for the elderly population, concluding that permanent cultural mediation programs are fundamental for promoting citizenship and active aging.

Keywords: Aging; Cultural education; Mediation; Older adults; Creativity

RESUMEN

Este trabajo de fin de curso analiza cómo las acciones educativas en espacios culturales pueden promover el envejecimiento creativo, fortalecer los recuerdos y ampliar la autonomía de las personas mayores. La investigación, de enfoque cualitativo, combinó una revisión bibliográfica con un estudio de caso realizado en el Espacio Cultural BRDE, que incluyó una visita guiada a la exposición Virando Esquinas, una ronda de conversaciones y un taller de dibujo con personas mayores del CEMUPI, además de entrevistas con las artistas Lisete Assen, Juçara Romão y Maria Conceição «Puca». Los resultados muestran que la participación cultural estimula la creación, el sentido de pertenencia y la autoestima, revelando el arte como un potente campo de expresión en la vejez. El estudio también señala los límites estructurales y la falta de políticas públicas continuas para el acceso cultural de la población de edad avanzada, y concluye que los programas permanentes de mediación cultural son fundamentales para promover la ciudadanía y el envejecimiento activo.

Palabras clave: Envejecimiento; Educación cultural; Mediación; Personas mayores; Creatividad

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Banner da Parada LGBTQ+ SP 2025	33
Figuras 2 – Artistas 60+: (a) Therezinha Costa e (b) Mir Sestrem	43
Figura 3 – Card de divulgação da exposição Virando Esquinas	46
Figuras 4 – Expositores no evento Tarde Cultural no Clube 12: (a) Giovana Mazo; (b) Hamilton J.; (c) Puca.	48
Figuras 5 – Desenhos das visitantes na exposição Virando Esquinas: (a) Maria Ivonete; (b) Marilene Amorim; (c) Juca	49
Figuras 6 – Registros da mediação e oficina de desenho no Espaço Cultural BRDE	49

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Cronograma de Execução da Ação Educativa	57
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BRDE	Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul
CEMUI	Centro Multiuso da Pessoa Idosa
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LGBTQIAP+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais ou Travestis, Queer, Intersexuais, Assexuais (e Arromânticos/Agênero), Pansexuais Não-binários
MArquE	Museu de Arqueologia e Etnologia da UFSC
NETI-UNAPI	Núcleo de Estudos da Terceira Idade - Universidade Aberta para as Pessoas Idosas
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
PNEM	Política Nacional de Educação Museal

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. O ENVELHECIMENTO EM PERSPECTIVA CULTURAL E SOCIAL	19
2.1 O QUE É ENVELHECIMENTO: CONCEITO E TRANSFORMAÇÕES HISTÓRICAS	20
2.2 ENVELHECIMENTO NO BRASIL: LEIS, DIREITOS E POLÍTICAS PÚBLICAS	23
2.3 O SURGIMENTO DO CONCEITO MODERNO DE VELHICE E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIAIS	28
3. CULTURA, LAZER E EDUCAÇÃO NO ENVELHECIMENTO: DIREITOS E POTÊNCIAS NO ENVELHECER	32
3.1 CULTURA, ARTE E LAZER COMO DIREITOS DA PESSOA IDOSA	32
3.2 PRÁTICAS EDUCATIVAS E CULTURAIS VOLTADAS À PESSOA IDOSA	36
4. VIRANDO ESQUINAS ENTRE LISETE ASSEN, ESPAÇO CULTURAL BRDE E CLUBE 12	41
4.1 ESPAÇO CULTURAL BRDE - GOV. CELSO RAMOS	41
4.2 SOBRE A ARTISTA LISETE ASSEN E A EXPOSIÇÃO VIRANDO ESQUINAS	43
4.3 CENTRO MULTIUSO DA PESSOA IDOSA - CEMUPI ANTIGO CLUBE 12	46
4.3.1 Relato sobre Exposição de arte com artistas 60+: Dascaia no CEMUPI	50
5. PROPOSTA DE AÇÃO EDUCATIVA: TRAÇOS DA MEMÓRIA - ENVELHECER CRIANDO	54
5.1 APRESENTAÇÃO	54
5.2 JUSTIFICATIVA	55
5.3 OBJETIVOS	55
5.3.1 Objetivo Geral	55
5.3.2 Objetivos Específicos	55
5.4 PÚBLICO-ALVO	56
5.5 METODOLOGIA	56
5.6 CRONOGRAMA	57
5.7 RESULTADOS ESPERADOS	58
CONCLUSÃO	59

1. INTRODUÇÃO

O tema da pesquisa surgiu do interesse pessoal em tentar entender como funciona a relação entre o Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral da Universidade Federal de Santa Catarina (MARquE/UFSC) e o público idoso¹, a partir de experiências de visita guiada com o grupo de Educação para Jovens e Adultos (EJA) do Núcleo de Ensino da Terceira Idade - Universidade Aberta para as Pessoas Idosas (NETI-UNAPI).

Após realizar estágio no setor pedagógico do MARquE de 2023 a 2024 percebi que a instituição recebe diversos grupos agendados, permitindo o contato com públicos multifacetados que varia desde bebês de colo à senhoras de 80+ estudantes de EJA, através das mediações. Entre todos, o público que mais me chamou atenção e me deixou confortável enquanto estagiária recém chegada foi o grupo de idosas composto majoritariamente por mulheres periféricas e nascidas em Florianópolis ou cidades próximas.

Algumas foram pela primeira vez ao museu naquele dia e outras estavam de visita pela segunda vez. Como aponta Debert (1999), o acesso à cultura na velhice ainda é marcado por desigualdades profundas, o que torna cada visita, sobretudo a primeira, um momento significativo de participação social e ampliação de direitos.

Na época estava acontecendo duas exposições: “Brasil: só quem viveu sabe” que foi uma exposição curricular executada pela turma Prática Expográfica da museologia UFSC em 2023.1 que se tratava sobre vivências brasileiras na linguagem virtual de memes; e a de longa duração “Franklin Cascaes: artista” trata-se sobre os processos artísticos e toda a pesquisa do Franklin relacionada com as tradições orais da cidade de Florianópolis e região. Os assuntos que surgiam entre nós enquanto

¹ A Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, dispõe sobre o Estatuto do Idoso e estabelece outras providências. Promulgada pelo Presidente da República após aprovação do Congresso Nacional, a lei institui o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a sessenta anos. O Título I apresenta as disposições preliminares, nas quais o Artigo 1º declara formalmente a criação do Estatuto e sua finalidade de garantir direitos à população idosa. (BRASIL. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm. Acesso em: 26 nov. 2025.)

mediadores e elas, foram fluindo muito tranquilamente e nossa interação estava sendo bem natural.

A exposição *Brasil: só quem viveu sabe*, tinha um núcleo onde falava sobre o coração do brasileiro: a cozinha da vó. Elas se identificaram instantaneamente e puderam partilhar memórias de como elas lidam com seu dia a dia dentro de suas cozinhas. Houveram também conversas sobre culinárias, costuras, e até dicas de como deixar a boca do fogão bem limpinha. Nos encaminhamos para outro núcleo que as deixaram impactadas e profundamente sentidas, a sala apresentava imagens de empregadas domésticas na sua maioria negras; ali, a conversa começou a ficar mais densa, algumas tinham sido empregadas domésticas durante toda a sua vida. Conversamos sobre como aqueles trabalhos tiravam coisas valiosas delas, como acompanhar crescimentos de filhos e netos, porém se mantiveram trabalhando para conseguir alimentar sua família.

Já na exposição de longa duração *Franklin Cascaes: Artista*, as trocas giraram em torno das vivências na cidade de Florianópolis. As visitantes ouviam atentamente nossas explicações sobre o tempo antigo da ilha, enquanto utilizávamos as obras de Franklin Cascaes para exemplificar aspectos da cultura local. Abordamos também a dimensão política presente em sua produção artística, que o artista usava para problematizar questões sociais de sua época. As senhoras se mostraram entusiasmadas e conseguiram relacionar as obras às suas próprias memórias, compartilhando ‘causos’ e experiências que dialogavam profundamente com as intenções expressas pelo artista.

A partir dessa experiência vivida no museu, nasce em mim o desejo de compreender, de forma mais profunda e sensível, de que forma as ações educativas em espaços culturais podem contribuir para a promoção do envelhecimento e o fortalecimento da memória e da autonomia de pessoas idosas. Essa vontade surgiu do encantamento ao perceber como as trocas com o público podem ser afetuosas, genuínas e transformadoras, o que me tocou profundamente no meu campo da memória afetiva com minhas duas avós. A avó paterna, Helena, sempre me contava sobre sua vida no interior, enquanto se embalava na rede fumando um cigarro. Já minha avó materna, Edinelza, que me criou e cuidou de mim diariamente, me observava com atenção e compartilhava comigo suas histórias, dores e surpresas da

vida. No dia da visita das senhoras do NETI, conheci uma das alunas chamada Adélia, mais conhecida como vó Délia.

Vó Délia me adota assim que nos conhecemos. Sinto um aconchego que me lembra da minha vó Edinelza (Dina) e percebo que eu gostaria muito de tê-la levado para conhecer um museu comigo. A partir desse encontro, cresce em mim o desejo de compreender mais sobre essa relação afetiva, entre educadores museais e público idoso. Porém, no segundo semestre de 2024, troquei de estágio e passei a atuar no Espaço Cultural do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE). Ali, conheci muitos artistas e percebi que a maioria deles tinha mais de 60 anos. Fui me aproximando, conhecendo e conversando com esses artistas para entender o que os levou a se reconhecer enquanto artistas apenas após os 60 anos. Alguns me responderam que só conseguiram tempo para se dedicar à arte depois da aposentadoria; outros disseram que a própria trajetória da vida os conduziu a esse caminho.

Com o passar do tempo, percebi também que muitos idosos frequentam as aberturas de exposições que acontecem pela cidade de Florianópolis, mas ainda são poucos os centros culturais, galerias e museus que possuem uma política inclusiva voltada especificamente para o público idoso. Diante disso, compreendi que eu precisava criar um projeto cujo foco fossem ações educativas voltadas a esse público dentro de exposições que são de artistas idosos, principalmente. No Espaço Cultural Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE), muitos de seus visitantes espontâneos são de pessoas 60+, eles têm interesse em observar e outros têm interesse em serem artistas e expor no espaço. O que eu acho muito interessante, pois a sociedade está envelhecendo, mas as políticas de cultura e lazer ainda são precárias para pessoas dessa faixa etária.

O envelhecimento da população brasileira é um fenômeno crescente e segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), a proporção de pessoas com 60 anos ou mais tem aumentado significativamente nas últimas décadas, colocando em pauta a necessidade de repensar o papel da pessoa idosa na sociedade. A relevância desta pauta foi reiterada a nível nacional esse ano (2025) quando do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) escolheu como tema de redação “Desafios do envelhecimento no Brasil”, reforçando a necessidade de que toda a sociedade, incluindo as novas gerações, se envolvam ativamente na discussão sobre os direitos e

a dignidade das pessoas idosas. No entanto, o modo como a velhice é percebida ainda está profundamente ligado a ideias de fragilidade, inutilidade e afastamento das atividades culturais e criativas, e no mundo capitalista “vive-se em uma sociedade de consumo na qual apenas o novo pode ser valorizado, caso contrário, não existe produção e acumulação de capital” (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008).

Essa visão hegemônica acaba inviabilizando não apenas os acessos das pessoas mais velhas, mas também seus saberes, afetos e histórias de vida. Em contrapartida, existem cosmovisões dos povos tradicionais brasileiros, indígenas, caboclos e afro-brasileiros, que oferecem outras formas de pensar e entender a velhice, reconhecendo nos mais velhos um centro de sabedoria, continuidade e cuidado comunitário: “o velho é a pessoa mais respeitada na comunidade, em quem os mais novos buscam inspiração para condutas de vida” (MARQUES, et al., 2015).

A partir do pensamento de que os mais velhos merecem ser respeitados, acolhidos e melhor visados, este trabalho propõe a construção de uma ação educativa voltada à promoção de um envelhecimento criativo e social para pessoas idosas, baseada nos saberes de povos tradicionais e da arte-educação. De acordo com Barbosa (1989), a arte-educação deve ser compreendida como uma área que articula produção, leitura e compreensão da arte, funcionando como ponte entre o público e as obras, e contribuindo para o desenvolvimento da criatividade, sensibilidade, cognição e repertório cultural ao longo da vida. Não é apenas “fazer artístico”, mas um campo que envolve interpretação, contextualização histórica, leitura estética e ampliação da percepção. Nessa mesma perspectiva ampliada, que compreende a arte como experiência, mediação e produção de sentidos, busca-se desenvolver um projeto que una a educação não formal, a arte e a memória como instrumentos de fortalecimento dos vínculos sociais, do protagonismo da pessoa idosa e da preservação cultural.

O projeto há de ser realizado no Espaço Cultural BRDE em conjunto do Clube 12 e tem como objetivo promover encontros de artistas idosos com público também idoso, para que possam trocar suas vivências e serem capazes de socializar entre si com a arte enquanto suporte. Para quem sabe no futuro o projeto possa ser capaz de realizar encontros intergeracionais com adolescentes e/ou crianças, onde esses idosos visitantes possam vir a ser reconhecidos como mestres de suas vivências, capazes de ensinar por meio da fala, da escuta, da culinária, da música, das plantas, das artes manuais, das histórias e da presença.

Partimos do problema de pesquisa que busca compreender como ações educativas em espaços culturais podem fortalecer autonomia, criatividade, memória e participação social de pessoas idosas, orientando os objetivos deste estudo: analisar trajetórias artísticas, investigar práticas de mediação cultural e propor uma ação educativa voltada ao público 60+, o que fundamenta a escolha de uma metodologia qualitativa, sensível às narrativas e experiências das participantes

Para o desenvolvimento deste trabalho, utilizamos pesquisa bibliográfica e a análise descritiva de caso, sob uma abordagem qualitativa. A metodologia baseou-se em entrevistas e narrativas de vida, permitindo compreender de forma sensível as trajetórias das artistas envolvidas e a relação entre envelhecimento, criação e participação cultural. Ainda assim, o estudo enfrentou limitações, sobretudo pela escassez de produções específicas sobre ações educativas com pessoas idosas em espaços culturais, o que exigiu articular referências de diferentes campos teóricos para sustentar as análises propostas.

A revisão teórica apresentada ao longo do Capítulo 2 discute o envelhecimento e a velhice em suas dimensões biológicas, sociais, históricas e culturais, com atenção às políticas públicas e às desigualdades que atravessam essa etapa da vida no Brasil. No Capítulo 3, analisamos como cultura, lazer e educação se constituem como direitos fundamentais da pessoa idosa, destacando práticas culturais e educativas que potencializam autonomia, participação social e envelhecimento criativo.

No Capítulo 4, desenvolvemos o estudo de caso realizado entre o Espaço Cultural BRDE, a artista Lisete Assen e o Centro Multiuso da Pessoa Idosa (CEMUPI, antigo Clube 12), examinando como espaços culturais podem favorecer experiências significativas para pessoas idosas. Para isso, elaborei um questionário e realizei entrevistas com as três artistas envolvidas — Lisete Assen, Juçara Romão e Maria Conceição “Puca” — com o objetivo de compreender suas trajetórias, modos de criação e relações com o envelhecer.

Além das entrevistas estruturadas para o projeto, este estudo adotou uma abordagem metodológica qualitativa fundamentada em entrevistas abertas e narrativas de vida, que permitiram acessar de forma mais sensível e situada as experiências das artistas. A conversa com Lisete Assen, realizada durante a mediação da exposição Virando Esquinas, contribuiu para interpretar seus processos de criação, suas

memórias e seus modos de olhar a cidade, ampliando também o repertório do público idoso participante das ações educativas.

Da mesma forma, as entrevistas com Juçara e Puca, conduzidas por meio de um questionário semiestruturado e aprofundadas em encontros no CEMUPI e no ateliê da Dascuia, revelaram narrativas que entrelaçam arte, envelhecimento, comunidade e pertencimento. A metodologia adotada valorizou a escuta e a construção conjunta de sentidos, reconhecendo que esses relatos não apenas informam a pesquisa, mas constituem saberes fundamentais sobre envelhecer criativamente em contextos populares e periféricos. Este capítulo não apenas descreve as ações realizadas ao longo do estágio, como também analisa o modo como as vozes das artistas entrevistadas orientam uma compreensão mais ampla sobre a produção cultural 60+.

A partir dessa aproximação, aplicamos um projeto de ação educativa com um grupo de idosas do Clube 12, envolvendo visita mediada à exposição “Virando Esquinas”; roda de conversa com a artista; e uma oficina de desenho a partir de suas memórias de ruas por onde elas caminham ou caminharam. Por fim, o Capítulo 5 apresenta a proposta educativa construída a partir dessas experiências, refletindo sobre a possibilidade de criação de um programa contínuo de mediação cultural voltado ao público idoso, fortalecendo o diálogo entre arte, memória e experiência de vida.

2. O ENVELHECIMENTO EM PERSPECTIVA CULTURAL E SOCIAL

Nós enquanto pessoas - seres orgânicos - temos fases de vida, como qualquer ser terrestre. Nascemos/vivemos/morremos. Porém, para alguns pensadores como Nego Bispo², a vida é muito mais do que apenas etapas, cada fase da vida é um território que não se encerra, apenas se reinventa: nós nascemos, vivemos e nascemos de novo, num ciclo que não sabemos qual será o fim, o nosso corpo orgânico, voltará para a terra no final, mas o nosso eu inconsciente ainda não sabemos. Essa dúvida ficará sem resposta, pois o que pretendo aprofundar é na fase antes da morte e depois da juventude: a velhice.

Ao compreender a vida como um ciclo contínuo de começo, meio e começo novamente, como afirma Nego Bispo em uma entrevista para a revista digital *Revestrés* em 2025, torna-se possível perceber a velhice não como encerramento, mas como retorno, amadurecimento e reinício. Essa visão dialoga com modos de vida de comunidades tradicionais, que entendem o tempo de uma forma circular e reconhecem nos mais velhos a força que orienta a continuidade. Nessas perspectivas, envelhecer é carregar histórias, memórias e saberes que sustentam a vida coletiva. Esse entendimento contrasta com a ideia dominante de que a velhice representa apenas declínio, mostrando que o envelhecer pode ser um processo ativo de transformação, reinvenção e permanência simbólica. Ao ampliar a compreensão cultural do envelhecimento, abre espaço para reconhecer sua pluralidade e seus sentidos múltiplos no Brasil.

Na entrevista citada, Nego Bispo destacou que o uma das maneiras de reaprender a ouvir as pessoas idosas é recuperar a convivência intergeracional, reinstaurando a presença da “geração avó” como parte fundamental da vida comunitária, entre crianças e jovens adultos pois esses encontros nos permite compreender o envelhecimento com a experiência que se constroi no encontro com o outro. Quando essas relações se fortalecem, torna-se possível perceber a velhice não

² Antônio Bispo dos Santos (Povoado Papagaio, Vale do Rio Berlengas, atual município de Francinópolis, Piauí, 1959 - São João do Piauí, 2023). Lavrador, poeta, escritor, professor, ativista político. Militante do movimento social quilombola e de direitos pelo uso da terra, Nego Bispo é e eternamente será uma das principais vozes do pensamento das comunidades tradicionais do Brasil. (Ancestralidades. Nego Bispo. Ancestralidades: Biografias e trajetórias. Atualização 05 dez. 2023. Disponível em: <https://www.ancestralidades.org.br/biografias-e-trajetorias/nego-bispo>. Acesso: 21 nov. 2025)

apenas como etapa final, mas como parte de um ciclo contínuo de transmissão de saberes. Essa visão amplia o entendimento do envelhecimento e prepara o terreno para uma discussão mais profunda sobre o que, afinal, significa envelhecer. É a partir dessa perspectiva, que cruza corpo, tempo, memória e cultura, que se inicia a reflexão da seção seguinte, dedicada a compreender o envelhecimento como processo natural, histórico e socialmente construído.

2.1 O QUE É ENVELHECIMENTO: CONCEITO E TRANSFORMAÇÕES HISTÓRICAS

O envelhecimento é um fenômeno natural presente em todos os seres vivos, resultado de um processo conhecido como senescência (Silva, 2008, p. 158), isto é, o processo natural de envelhecimento do organismo, caracterizado por alterações fisiológicas e funcionais que ocorrem com o passar do tempo, que não são consideradas doenças. Mas, diferentemente dos outros, nós, seres humanos, carregamos a consciência do tempo, percebemos sua passagem nas mudanças do corpo, nas transformações da mente e nas memórias que acumulamos ao longo da vida. Envelhecer, portanto, é também sentir o tempo passar, é reconhecer nas marcas do corpo e nas histórias vividas, o movimento constante da existência.

A noção de velhice como etapa diferenciada da vida surgiu no período de transição entre os séculos XIX e XX (Silva, 2008). Até meados do século XX, o envelhecimento humano era compreendido principalmente sob a ótica das perdas, da saúde, da vitalidade e do bem estar individual e coletivo. No entanto, para entender verdadeiramente essa etapa da vida chamada velhice, é preciso ir além da visão limitada da perda e reconhecer que ela resulta de uma relação complexa entre os aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais, todos entrelaçados nas formas como cada pessoa vive e percebe o passar do tempo.

Fatores históricos, políticos, econômicos, geográficos e culturais influenciam as diversas percepções sociais sobre a velhice e os idosos. A visão que uma sociedade tem da velhice está diretamente ligada ao modo como as pessoas idosas são tratadas (Schneider; Irigaray, 2008). De acordo com Souza (2022), o envelhecimento deve ser compreendido como um processo multifacetado, que ultrapassa a dimensão biológica e

está ligado às experiências de vida, às relações sociais e ao contexto cultural em que o indivíduo está inserido:

(...) as tentativas de compreensão da velhice devem partir do reconhecimento de que estamos tratando de um fenômeno biológico, cujos significados são determinados social e culturalmente. Assim, por meio das interações entre esses fatores de influência, a categoria velhice e os processos de envelhecimento transformam-se, assumindo uma pluralidade de sentidos, construídos e estabelecidos de acordo com as vicissitudes de cada trajetória individual, deixando de serem abordados como algo unívoco, tal como um metafórico inverno, para dar abertura à vivência de processos diversos, complexos e multifatoriais que, não necessariamente, estão identificados a perdas de papéis, de saúde e de laços sociais.
(Souza, 2022, p. 16)

A autora observa que, historicamente, a velhice já foi associada à sabedoria e ao respeito em muitas sociedades, mas passou a ser marginalizada com o avanço da sociedade industrial e capitalista, que valoriza a produtividade e a juventude. Essa mudança de perspectiva afastou os idosos de seus papéis sociais e simbólicos, transformando-os em sujeitos invisibilizados:

A partir do século XIX, com a ascensão do capitalismo e do advento da sociedade industrial, a velhice sofre transformações derivadas da valorização da força de trabalho assalariada. A necessidade dos Estados de manter suas populações saudáveis, ativas e qualificadas como forma de produzir riqueza é o fator determinante para a organização da vida. Nesse cenário, a velhice é reafirmada como a fase de decaimento do ciclo da vida, por perdas sucessivas das funções da mente e do corpo: dor, doença, improdutividade e morte
(Souza, 2022, p. 21).

Para Michel Foucault, essa transformação está intrinsecamente ligada ao conceito de biopolítica³, o qual descreve o modo como, a partir do século XVIII, o poder se volta para a gestão da vida da população:

Na obra foucaultiana, portanto, as categorias biopolítica e biopoder, ora utilizadas como sinônimo, ora não, pretendem abarcar a complexa questão da normalização biológica dos seres humanos, no caminho que o autor trilhava na investigação do problema da governamentalidade. Por biopolítica, Foucault

³ O filósofo francês Michel Foucault compreende a biopolítica como uma forma de manifestação de poder por meio da qual os mecanismos da vida biológica dos seres humanos são incluídos na gestão política de um Estado, passando a ser gerenciados e administrados. A biopolítica tem como foco estabelecer mecanismos de controle que não mais incidirão sobre corpos individuais, mas sobre populações, estabelecendo censuras entre diferentes grupos sociais de acordo com o interesse político almejado. COLPO COPETTI, Dhyan; WERMUTH, Maiquel Ângelo Dezordi. **O conceito de biopolítica em Michel Foucault: uma análise a partir do sistema prisional brasileiro**. Salão do Conhecimento, [S. l.], v. 6, n. 6, 2020. Disponível em: <https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaconhecimento/article/view/17848>. Acesso em: 9 nov. 2025.

(1988; 2010) vai designar o movimento segundo o qual, a partir do século XVIII, a vida biológica começa a se converter em objeto da política, ou seja, a vida biológica passa a ser produzida e, além disso, administrada. (Copetti; Wermuth, 2020, p. 2)

O Estado passou a ter como prioridade a manutenção de corpos saudáveis, produtivos e controláveis, aplicando uma espécie de medicina social para governar a vida da população (Foucault, 1988; 2010 apud Copetti; Wermuth, 2020, p. 3). Nesse contexto, a partir do século XIX, com a ascensão do capitalismo e do advento da sociedade industrial, a velhice sofreu transformações derivadas da valorização da força de trabalho assalariada. A necessidade dos Estados de manter suas populações saudáveis, ativas e qualificadas como forma de produzir riqueza é o fator determinante para a organização da vida. Nesse cenário biopolítico, a velhice é reafirmada como a fase de decaimento do ciclo da vida, por perdas sucessivas das funções da mente e do corpo: dor, doença, improdutividade e morte, o que se alinha com o poder biopolítico de decidir quem é mantido ativo e quem é “deixado para morrer” (Copetti; Wermuth, 2020, p. 3).

As tentativas de compreender a velhice precisam partir do entendimento de que, embora seja um fenômeno biológico, seus sentidos são moldados pelas vivências sociais e culturais de cada pessoa. É a partir dessas interações – entre corpo, tempo e contexto – que o envelhecer ganha diferentes significados, deixando de ser visto como algo único ou apenas como um “inverno da vida”. Envelhecer é atravessar processos diversos e complexos, que carregam histórias, memórias e afetos, e que não precisam estar ligados apenas à ideia de perda, mas também de transformação, aprendizado e continuidade.

Assim, compreender o envelhecimento exige resgatar o sentido de pertencimento e de valorização da experiência dos mais velhos, promovendo uma cultura de respeito e de trocas intergeracionais: “a verdade de seus princípios e de seus fins se revela através da maneira pela qual uma sociedade se comporta com seus velhos” (Beauvoir, 1990 apud, Maffioletti, 2005, p. 339). Essa reflexão aponta para o caráter social e político da velhice: ela não é apenas uma fase biológica, mas também um espelho da forma como cada cultura lida com o tempo, o corpo e a memória.

De acordo com Luna Rodrigues Freitas Silva (2018), em *Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento*, o termo “velhice” adquiriu conotações distintas ao longo da história, passando de um

símbolo de sabedoria e respeito em muitas civilizações antigas para uma representação de fragilidade e dependência nas sociedades modernas. A autora destaca que a expressão “terceira idade” surgiu no século XX como tentativa de ressignificar essa etapa da vida, vinculando-a a uma noção de autonomia, lazer e aprendizado, ainda que permeada por contradições impostas pela lógica de consumo e pela busca incessante pela juventude.

2.2 ENVELHECIMENTO NO BRASIL: LEIS, DIREITOS E POLÍTICAS PÚBLICAS

O envelhecimento populacional brasileiro é um fenômeno recente e acelerado, resultado de mudanças sociais, econômicas e sanitárias que transformaram a estrutura etária do país. Segundo dados do IBGE (2022), mais de 15% da população já tem 60 anos ou mais, e essa proporção tende a crescer significativamente nas próximas décadas. No entanto, esse processo demográfico ainda não é acompanhado, de forma proporcional, pela ampliação de políticas públicas voltadas à cultura, à educação e ao lazer, dimensões fundamentais do envelhecimento ativo e criativo.

Uma característica fundamental do envelhecimento no Brasil é a sua feminização, que resulta da sobremortalidade masculina em todas as faixas etárias (Chaimowicz, 2022). A sobremortalidade masculina, associada à maior exposição dos homens a fatores de risco como álcool e tabaco, acidentes de trabalho e homicídios, resulta na maior longevidade das mulheres (Chaimowicz, 2022, p. 19). Em 1999, 26% das mulheres completaram 80 anos antes de morrer, proporção que subiu para 39% em 2019, enquanto, para os homens, essa proporção era de 14% e 26%, respectivamente (Chaimowicz, 2022, p. 20). Essa diferença crescente é quantificada pela razão de sexos (número de homens para cada 100 mulheres): em 2019, havia 83 homens para cada 100 idosas jovens (60 a 69 anos), e apenas 63 homens para cada 100 octogenárias — que têm 80 anos ou mais (Chaimowicz, 2022, p.20). Essa preponderância de mulheres entre as populações mais idosas tende a se acentuar: em 2050, as projeções indicam que teremos provavelmente cerca de 76 idosos para cada 100 idosas, e, no grupo acima de 80 anos, a estimativa é de que haverá duas idosas para cada idoso (Nasri, 2008, p. S5). Ou seja, cada vez mais os problemas socioeconômicos e a saúde dos idosos serão problemas das mulheres idosas.

Portanto, o desenvolvimento de políticas públicas de saúde, cultura e assistência deve calibrar seu olhar para o gênero, especialmente entre as idosas mais velhas (Chaimowicz, 2022, p. 20).

O envelhecimento populacional no Brasil deve ser compreendido dentro de uma perspectiva histórica e social mais ampla. Conforme destaca o estudo sobre o tema, “o processo de envelhecimento populacional vem crescendo gradativamente de forma desigual desde a década de 1940, tendo como marco legal de reconhecimento a Constituição Federal de 1988, que pela primeira vez evidenciou o envelhecimento como expressão da questão social” (Santos, 2024, p. 15). Isso significa que a velhice, antes vista apenas como um problema individual ou familiar, passa a ser reconhecida como um tema público, exigindo políticas e responsabilidades compartilhadas entre Estado e sociedade.

A consolidação dos direitos da pessoa idosa no Brasil tem como marco a Constituição Federal de 1988, conhecida como “Constituição Cidadã” (TRE-PR, 2023), que reconhece o idoso como sujeito de direitos e estabelece, em seu Artigo 230, que: “a família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida” (BRASIL, 1988). Esse artigo inaugurou uma nova perspectiva jurídica e social sobre a velhice, situando-a no campo dos direitos humanos e da cidadania. Como destaca Fernandes e Soares (2012, apud Silva, 2024), foi a partir desse momento que o envelhecimento passou a ser reconhecido como uma questão pública, deixando de ser apenas um problema privado ou familiar. De acordo com Faleiros (2007), a Constituição de 1988 foi resultado de um pacto social construído durante o processo de redemocratização, no qual as lutas sociais e os movimentos organizados de aposentados e idosos tiveram papel fundamental para a inclusão de seus direitos.

Entretanto, o envelhecimento também é atravessado por contradições estruturais: “o indivíduo é colocado como mercadoria vendendo sua força de trabalho, e, a partir do momento em que isso não ocorre, é visto como ‘descartável’ para o capital” (Santos, 2024, p. 17). Portanto, o envelhecimento torna-se expressão da questão social, refletindo as desigualdades de classe, gênero e raça que estruturam a sociedade brasileira. Paiva (2014, apud Santos, 2024, p. 17) observa que “são criadas novas expressões para se traduzir a velhice sem que sejam modificadas as relações

sociais que produzem a velhice como sinônimo de tragédia humana”, o que evidencia que o preconceito etário e a exclusão simbólica ainda persistem mesmo diante de avanços legais.

A partir da Constituição de 1988, foram instituídas políticas estruturantes, como a Política Nacional do Idoso (Lei nº 8.842/1994), que tem como objetivo “assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade” (BRASIL, 1994). Essa lei consolidou os princípios da dignidade, cidadania e participação ativa, reconhecendo o idoso como sujeito pleno de direitos e não como um ser passivo de assistência. O avanço mais expressivo ocorreu com a promulgação do Estatuto da Pessoa Idosa (Lei nº 10.741/2003), que reforça a prioridade do idoso em políticas públicas e assegura o acesso à cultura, ao lazer, à educação e à convivência comunitária. Conforme o artigo 3º do Estatuto, é dever do Estado e da sociedade garantir oportunidades de “aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social”. O Estatuto também reafirma, em seu artigo 21, que o acesso à cultura e ao lazer é um direito fundamental da pessoa idosa, devendo ser promovido de forma inclusiva e acessível.

A Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa (Portaria nº 2528/2006) complementa esse conjunto normativo ao estabelecer diretrizes voltadas à promoção do envelhecimento saudável e ativo, à prevenção de agravos e à integração social. Como destacam Fernandes e Soares (2012, apud Silva, 2024), a política visa “garantir à população idosa uma atenção condizente e digna às suas reais necessidades, tendo como horizonte a integração e a participação social”. Esses marcos legais, reforçados por instrumentos internacionais como a Convenção Interamericana sobre a Proteção dos Direitos Humanos das Pessoas Idosas (2015), definem um novo paradigma de envelhecimento: aquele que valoriza a autonomia, a participação cultural e a dignidade humana. No entanto, como observa Borges (2006, apud Silva, 2024), as ações efetivas ainda são insuficientes, tanto pela limitação de recursos quanto pela persistência de uma visão assistencialista que restringe o idoso ao campo da dependência e da carência.

A desigualdade social é bem marcante, apesar das garantias existentes em leis. Como por exemplo, as pessoas idosas do Norte e Nordeste enfrentam muitas dificuldades de acesso à cultura, saúde e ao lazer em comparação com as do Sul e Sudeste, apenas 3% dos projetos voltados para pessoas idosas estão localizadas na

Região Norte do Brasil, e 19% no Nordeste, enquanto o Sudeste concentra 62% dessas iniciativas (Agência Brasil, 2025). De acordo com IBGE (2022), as pessoas com 60 anos ou mais estão mais concentradas no Sul e Sudeste do país, com 16,2% e 16,6%, respectivamente. Além da diferença regional, o envelhecimento no Brasil é também atravessado por questões de gênero e raça: as mulheres representam mais de 56% da população idosa, e as mulheres pretas e pardas compõem o grupo mais vulnerável, com menor renda.

Essas disparidades mostram que o envelhecimento brasileiro não é uniforme, ele é plural, diverso e profundamente marcado pelas raízes culturais de cada território. Em muitas comunidades tradicionais, indígenas, afro-brasileiras e caboclas, o envelhecer é compreendido de formas distintas da visão ocidental, que tende a associá-lo à perda, à improdutividade e ao isolamento.

Entre os Guarani Mbyá, a velhice é um tempo de escuta e de mediação espiritual. Os mais velhos são os guardiões da palavra e da memória, responsáveis por manter viva a história e a identidade do grupo. Envelhecer nesse contexto, é uma continuidade da vida, não um encerramento dela (Marques et. al, 2015). Em contraste com a cultura ocidental, entre os Guarani-Mbyá o estatuto de ancião não é definido estritamente pela idade cronológica, mas pela maturidade, sendo alcançado, geralmente, por volta dos 40 anos (Freire, 1992; Dos Santos & Torres-Morales, 2007 apud. Marques et al., 2015). Nessa comunidade, a pessoa mais velha assume um estatuto de grande importância, associada à sabedoria e ao respeito. Eles são responsáveis por manter e guardar as tradições (Luciano, 2006, apud. Marques et al., 2015), ensinar” a história e a identidade do grupo” (transmitindo o idioma, costumes, valores e a tradição religiosa. O papel do idoso como depositário da memória e construtor do conhecimento é central, pois sua tarefa principal é de “ensinar” a história e a identidade do grupo (Silva e Silva, 2008, e Luciano, 2006, apud. Marques et al., 2015).

Nas comunidades de terreiro, a pessoa idosa ocupa um papel de destaque como detentora da memória, sabedoria e da força vital do grupo. É esta pessoa quem transmite os saberes ancestrais e assegura a continuidade das tradições. De acordo com Farias et al. (2016, p. 639):

A ancestralidade foi a maior referência para as comunidades de terreiro, o que reafirmou a importância dos idosos, como pessoas dignas do máximo respeito e exemplos da longevidade que enfrentam o racismo e a vulnerabilidade social.

Essa visão revela que o envelhecer, dentro do paradigma civilizatório afro-brasileiro, não é compreendido como declínio, mas como ampliação do axé⁴ que sustenta a coletividade. Assim, a concepção ocidental que associa a velhice à fragilidade e à perda é entendida como um tempo de potência, prestígio e conexão com o sagrado nas tradições de matriz africana.

Nas comunidades caboclas-ribeirinhas do Amazonas, “a família é do tipo extensa e multigeracional, que compartilha a mesma moradia, na qual a pessoa idosa é referência por deter os conhecimentos tradicionais de saúde” (Castro, 2019, p. 24), para os idosos das comunidades dessas comunidades amazônicas, envelhecer está profundamente entrelaçado com a natureza, com as práticas de subsistência como pesca, roçado, preparo de alimentos, e com uso de ervas medicinais e rezas, refletindo uma vivência na “identidade cultural simbólica, crenças e valores” (Batista, 2011, p. 3 apud Castro, 2019, p. 23). Nesse contexto, a pessoa idosa funciona como um elo vivo entre a memória ancestral e a continuidade da vida comunitária: portador de saberes, transmissor histórias e prático no cotidiano a beira-rio, ele insere passado e presente num mesmo fluxo de existência, reafirmando-se não com um agente de fragilidade, mas como pilar de saber, de cuidado e pertencimento social.

Essas formas de compreender a velhice mostram que o envelhecimento brasileiro é múltiplo e territorializado. A experiência de viver em um país como o nosso está ligada ao contexto de classe, etnia, gênero e cultural. Valorizar esses modos diversos de envelhecer é essencial para construir políticas públicas e ações educativas mais sensíveis e representativas.

Refletir sobre o envelhecimento no Brasil implica considerar suas dimensões culturais, simbólicas e afetivas, reconhecendo que envelhecer é portar saberes, memórias e vínculos de pertencimento. Nessa perspectiva, a criação de espaços de

⁴ O termo "axé" (de àṣẹ, termo iorubá que significa "energia", "poder", "força") pode se referir tanto aos assentamentos de orixás que ficam nos pejis (altares de candomblé ou umbanda) quanto à força mágica que sustenta os terreiros de candomblé ou umbanda. (VIEIRA, Jackelyn. A invisibilidade do turismo religioso afrodescendente na cidade de Teresópolis – RJ. 2021. Dissertação — Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021. Orientadora: Prof. Dra. Valéria Lima Guimarães. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/23233/Dissertacao_Jackelyn_Vieira.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 24 nov. 2025)

escuta e expressão, como museus e centros culturais, torna-se essencial para dar visibilidade à diversidade das velhices, afirmando o direito de cada pessoa idosa não apenas a uma vida longa, mas a uma existência plena de sentido, arte e dignidade.

2.3 O SURGIMENTO DO CONCEITO MODERNO DE VELHICE E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIAIS

A noção moderna de velhice consolidou-se a partir do século XIX, quando o corpo envelhecido passou a ser objeto de saberes médicos e de políticas estatais. De acordo com estudos da gerontologia, o ser humano tem potencial biológico para viver entre 110 e 120 anos de idade. Dentro dos ciclos da vida, a fase maior da vitalidade, chamada de maturidade biológica, costuma acontecer entre 25 e 30 anos de idade. A partir daí, o corpo e a mente vão passando por transformações naturais que marcam as mais diferentes etapas envelhecer. Considera-se adulto inicial aquele que está entre 25 e 40 anos. adulto médio, entre os 40 e 65; e o adulto tardio, ou velhice precoce, entre os 65 e 75 anos. Já as pessoas com mais de 75 anos são consideradas na velhice tardia (Palácios, 2004, p. 02)

Conforme observa Debert, “no contexto em que o envelhecimento se transforma em um novo mercado de consumo, não há lugar para a velhice, que tende a ser vista como consequência do descuido pessoal, da falta de envolvimento em atividades motivadoras [...]” (Debert, 1999, apud Silva, 2008, p. 807). Assim, o envelhecimento torna-se também um marcador social e político, definindo quem é ou não é considerado “ativo” no sistema capitalista contemporâneo.

Percebe-se que, ao longo da vida, a sociedade estabelece marcos que organizam o tempo e definem o pertencimento a determinados grupos etários. Há uma certa uniformidade dentro dessas etapas, e as transições entre elas são simbolizadas por ritos de passagem como o início da vida escolar, o ingresso na universidade ou a aposentadoria. Esses momentos ajudam a estruturar a trajetória social do indivíduo, mas também reforçam a ideia de que a velhice é uma fase delimitada e, muitas vezes, vista como o encerramento de um ciclo, quando, na verdade, pode ser entendida como um novo campo de descobertas, aprendizagens e reinvenções. Com o avanço das políticas previdenciárias e do mercado de consumo no século XX, uma nova

representação social passou a ser construída: a “terceira idade”. Conforme Silva (2008), essa categoria é resultado de “interesses da cultura do consumo” que contribuíram para redefinir o envelhecer como etapa autônoma e ativa. No entanto, essa ressignificação é atravessada por desigualdades, pois “estaria sendo utilizada para tornar homogêneo, como categoria social, um grupo composto por sujeitos cujas realidades são diversas” (Bitencourt; Dalto, 2021, p. 295).

Outro elemento central dessa transformação é o deslocamento simbólico que associa o envelhecimento a um ideal de auto realização e juventude estendida. Como observam Motta (2012, apud Almeida, 2021), vive-se um “contraditório movimento”, em que o aumento da longevidade intensifica a “juvenilização das idades”. (p.295). Desse modo, o conceito de terceira idade propõe uma velhice ativa, embora dependa quase que exclusivamente do engajamento de cada indivíduo em transformar sua velhice em momento de recriação (Almeida, 2021, p. 295), reforçando a responsabilização individual pelo bem-estar. A partir dessa compreensão, Souza (2022) reforça que o envelhecimento na atualidade também é atravessado por essas duas narrativas opostas: por um lado, a pluralidade de sentidos, que reconhece a velhice como etapa de lazer, criação, novos projetos e continuidade de papéis sociais; e, por outro, a velhice deficitária, que se associa à perda de autonomia, à vulnerabilidade social e à exclusão das experiências culturais e comunitárias (p. 64-65), a maneira como a sociedade enxerga e nomeia o idoso pode tanto possibilitar sua participação ativa quanto reforçar processos de silenciamento e invisibilidade.

Embora o conceito de Envelhecimento Ativo promovido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) enfatiza a participação contínua nas questões sociais, econômicas, culturais, físicas, políticas e civis, esse ideal corre o risco de ser um “operador de exclusão social e de desigualdades em saúde” (Souza, 2021, p. 5070). Isso ocorre porque “as possibilidades de escolha autônoma são afetadas pelas desigualdades desenfreadas, diferentes experiências de vida e situações sociais e econômicas opressoras” (Souza, 2021, p. 5070). No contexto brasileiro, estudos de base populacional demonstram que idosos com “maior acúmulo de recursos educacionais e financeiros” têm “mais acesso às atividades que são reconhecidamente associadas à saúde e ao bem-estar” (Souza, 2021, p. 5069).

A desigualdade se manifesta claramente na dimensão da atividade física: enquanto os idosos com maior nível socioeconômico são mais ativos na atividade física

de lazer, a atividade física realizada no trabalho é prevalente entre idosos negros (Souza, 2021, p. 5069), o que “sinaliza a ocupação de postos que exigem menor qualificação profissional e mais força física” (Souza, 2021, p. 5074). A disparidade também é observada na dimensão intelectual, como no uso da internet, cuja prevalência é significativamente maior entre os brancos (Souza, 2021, p. 5069). Tais achados reiteram que o nível educacional é um “determinante mais forte do uso da internet” (Souza, 2021, p. 5076), e que o envelhecimento não é um processo unívoco, mas é profundamente marcado pelas desigualdades de classe, gênero e raça que estruturam a sociedade brasileira.

Dessa trajetória histórica emerge um desafio essencial: romper com os estigmas que associam a velhice à perda e reconhecer o envelhecer como um processo plural, atravessado por dimensões biológicas, sociais e, sobretudo, culturais. Como destacam Schneider e Irigaray (2008, p. 586), as representações da velhice são construídas socialmente e variam conforme o contexto cultural em que o indivíduo está inserido, o que abre espaço para novas formas de viver essa etapa da vida. Nessa direção, Silva (2008, p. 155) observa que as categorias etárias têm o papel de “identificar, definir e transformar o processo de envelhecimento contemporâneo”. A ideia é que a velhice contemporânea não pode ser entendida apenas como um declínio inevitável, mas sim como um período de potencialidades e desafios que são moldados pelas construções sociais e pelas estruturas de poder existentes.

A complexidade da velhice, vista para além da ótica da perda e da inutilidade associada ao capitalismo, exige uma abordagem que desconstrua as classificações polaridade e fixas. Nesse sentido, a perspectiva intercultural da educação auxilia a compreender que a identidade, sendo definida historicamente, “é formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (Fleuri; Souza, 2003, p. 56), à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade de identidades possíveis e, por vezes, contraditórias (Fleuri; Souza, 2003, p. 56). Essa visão da identidade plural e deslizante contrasta diretamente com a abordagem polarizada que, na maioria das vezes, considera as relações entre sujeitos e entre culturas diferentes a partir de uma “lógica binária” (Fleuri; Souza, 2003, p. 55). Esta lógica binária falha em “compreender a

complexidade dos agentes e das relações” e a “pluralidade e a variabilidade dos significados produzidos nessas relações” (Fleuri; Souza, 2003, p. 56).

Para educadores, a complexidade dessas relações culturais evidencia a necessidade de analisar a abordagem da existência de uma fronteira cultural, uma borda deslizante e intervalar nas relações, que ultrapasse a simples divisão e classificação binária da existência humana (Fleuri; Souza, 2003, p. 11). A “desconstrução” dessa lógica binária é um processo essencial que envolve “rever posturas e experiências” (Fleuri; Souza, 2003, p. 09), o que é fundamental para romper com os estereótipos que reduzem a pessoa idosa a uma categoria “monolítica e fixa” (Bhaba, 1998, p. 19 apud Fleuri; Souza, 2003, p. 62) Com isso, a cultura e o lazer assumem papel central na promoção de um envelhecimento criativo e ativo, possibilitando que o idoso reafirme sua presença social por meio da arte, da convivência e da produção simbólica, transformando o envelhecer em experiência de potência e de expressão.

Os referenciais apresentados não são utilizados como categorias rígidas de análise, mas como horizontes interpretativos que ampliam a compreensão do envelhecimento no contexto cultural brasileiro.

3. CULTURA, LAZER E EDUCAÇÃO NO ENVELHECIMENTO: DIREITOS E POTÊNCIAS NO ENVELHECER

Envelhecer é um ato profundamente cultural. Mais do que um processo biológico, trata-se de uma experiência social, simbólica e afetiva que se constrói nas relações, nas memórias e nos espaços de convivência. No contexto contemporâneo, a cultura, o lazer e a educação surgem como dimensões essenciais para a construção de um envelhecimento digno, ativo e criativo, pois permitem à pessoa idosa continuar participando da vida pública, expressando-se, aprendendo e reinventando sentidos para sua própria trajetória.

As políticas culturais e educacionais voltadas à velhice, entretanto, ainda enfrentam o desafio de romper com a visão assistencialista que limita o idoso ao papel de receptor de cuidados. Envelhecer com qualidade de vida implica garantir o direito à fruição cultural, à arte e ao lazer como instrumentos de autonomia, pertencimento e cidadania. Nesse sentido, este capítulo propõe refletir sobre as potências do envelhecer através da cultura e da educação

3.1 CULTURA, ARTE E LAZER COMO DIREITOS DA PESSOA IDOSA

Em 2025, a 29ª edição da Parada do Orgulho LGBTQIAP+⁵ de São Paulo trouxe à tona uma reflexão inédita no campo da cultura e dos direitos humanos: o tema “Envelhecer LGBTQIA +: Memória, Resistência e Futuro”.

⁵ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queers, Intersexuais, Assexuais; o sinal + indica outras formas de identidades sexuais. (Campos, Alzira Lobo de Arruda et al., Pós-Modernidade E Identidades Sexuais: O Processo De Autoafirmação E Valorização Do Grupo LGBTQIA+. Revista de Estudos de Cultura, São Cristóvão, v. 10, n. 24, p. 1–18, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revec/article/view/20197>. Acesso em: 5 nov. 2025).

Figura 1 – Banner da Parada LGBTQ+ SP 2025



Fonte: Parada do Orgulho LGBTQ+ de São Paulo. 29ª Parada do Orgulho LGBTQ+ de São Paulo – Envelhecer LGBTQ+: memória, resistência e futuro. Cartaz oficial do evento, 2025.

O evento reuniu milhares de pessoas na Avenida Paulista para celebrar a diversidade e destacar a importância de se pensar o envelhecimento dentro da comunidade LGBTQIA +. Ao dar visibilidade às histórias de pessoas idosas deste grupo, a Parada reforçou que o envelhecer é também um ato político, de resistência e expressão cultural.

Essa iniciativa demonstra como a arte, o lazer e a cultura podem servir de espaços de pertencimento e reconstrução simbólica da velhice, rompendo estigmas e afirmando o direito de todas as pessoas viverem com dignidade e afeto. Ao trazer o tema de envelhecimento para o centro de um dos maiores eventos do país, a Parada de São Paulo amplia a discussão sobre inclusão e diversidade etária nas políticas culturais, apontando para a necessidade de ações públicas que valorizem a pluralidade das velhices brasileiras. Essa ampliação de perspectivas é igualmente vista na indústria cinematográfica, onde os protagonistas idosos, como nos filmes estadunidenses “Up

Altas Aventuras” (EUA, 2009), onde mostra um idoso que acabou de ficar viúvo, redescobrimo o mundo com ajuda de uma criança, aqui a conversa é intergeracional de criança com idoso. Alguém que já tem uma bagagem emocional enorme e outro que está no início das explosões de sentimentos. Outro filme é “Um Senhor Estagiário” (EUA, 2015), que conta a história de idoso voltando a trabalhar num emprego onde geralmente é para adolescentes e jovens adultos, um encontro do analógico com o digital, digamos assim. Esses filmes têm sido utilizados para ressignificar o envelhecimento como um período de potência e novos rumos, reforçando que o corpo maduro é um campo de resistência.

No Brasil temos o filme de 2025 “O Último Azul” o longa-metragem retrata um Brasil distópico onde idosos são forçados a viver em colônias, acompanhando a jornada de Tereza, uma mulher de 77 anos que luta contra essa política para realizar um último desejo. O filme aborda temas como o etarismo, a autonomia e a velhice como um período de potencial para novas descobertas; Documentários no Youtube que retratam as diversas faces do envelhecimento brasileiro, enfim, a cultura popular está bombando de informações sobre a terceira idade.

A cultura e o lazer são dimensões essenciais para essa vivência, pois possibilitam que o idoso se mantenha ativo, conectado com o mundo e com sua própria história. O Estatuto da Pessoa Idosa (Lei nº 10.741/2003) e a Política Nacional do Idoso (Lei nº 8.842/1994) garantem o direito ao acesso à cultura, à arte e ao lazer, entendendo que envelhecer com dignidade envolve também a participação cultural e o convívio comunitário. Entretanto, a efetivação desses direitos ainda enfrenta desafios, já que grande parte das políticas públicas voltadas à velhice permanece centrada em abordagens assistencialistas, e não culturais.

O lazer, entendido como tempo de encontro e criação, “proporciona bem-estar físico, psicológico e social” (Antunes; Jesus, 2018, p. 10), possibilitando autonomia e vínculos. Já a arte é o espaço de expressão e memória que transforma o cotidiano em experiência estética e afetiva. Nela, o corpo deixa de ser visto apenas como limite e passa a ser veículo de potência e desejo. Em diálogo com a antropologia de Mirian Goldenberg (2011, p. 79), o corpo na cultura brasileira é um capital simbólico e social, mas também um campo de resistência: cuidar e expressar o corpo maduro é reivindicar presença e beleza em uma sociedade que o invisibiliza.

Esses direitos culturais se materializam em práticas cotidianas, como a participação em atividades artísticas, rodas de conversa, oficinas criativas e, principalmente, no acolhimento dos idosos nos espaços museais e culturais. Quando um museu abre suas portas para o diálogo com pessoas idosas, ele reconhece o valor da memória e da experiência como patrimônio vivo. Porém, muitas pessoas idosas não sabem que é direito delas entrarem num espaço cultural e participar de atividades criativas.

Quando o museu ou espaço cultural se abre à presença da pessoa idosa, reconhece nela um agente de memória, de saber e de transformação. Como observa Cury (2005, p. 35), “o museu é um espaço de mediação simbólica, onde se constroem significados e se compartilham experiências culturais”. Mais do que lugares de contemplação, os museus tornam-se territórios de diálogo, escuta e pertencimento, nos quais as pessoas idosas podem se reconhecer, ensinar e criar. Bastos et al. (2025, p. 1) reforçam essa visão ao destacar que “o museu é compreendido como um espaço múltiplo de aprendizagem de educação não formal, em que a aprendizagem é motivada por lembranças”. A visita museal, para o público idoso, constitui uma oportunidade de ressignificar memórias e reconstruir simbolicamente o passado a partir dos objetos e narrativas expostas.

De acordo com os autores, o museu se revela como “um espaço fértil para a reinserção do idoso na sociedade”, uma vez que “para que haja um envelhecimento ativo é primordial o envolvimento do idoso na comunidade, participando de atividades culturais” (BASTOS et al., 2025, p. 13). Essa compreensão amplia o sentido da arte e do lazer como práticas de inclusão e cidadania cultural, em que o aprendizado não se restringe à escola, mas se estende a todos os territórios de vida e convivência.

Souza (2022, p. 101) reforça que “a criação artística na velhice é uma forma de permanecer no tempo, de resistir ao apagamento e de reescrever a própria história”. A arte, o lazer e a cultura, portanto, não devem ser vistos como atividades complementares, mas como direitos essenciais para o envelhecimento digno e criativo. A promoção dessas experiências favorece a autonomia, a autoestima e o sentimento de continuidade, fortalecendo laços intergeracionais e comunitários.

Garantir o acesso à cultura, à arte e ao lazer é, portanto, um ato político e ético. É reconhecer que envelhecer não significa afastar-se da vida pública, mas reinventar formas de participação e expressão. Projetos culturais que valorizam as pessoas

idosas contribuem para o exercício da cidadania e para a construção de uma sociedade mais justa, plural e sensível às diferentes temporalidades da vida.

3.2 PRÁTICAS EDUCATIVAS E CULTURAIS VOLTADAS À PESSOA IDOSA

Durante o decorrer dos anos, diversas instituições culturais e educacionais vêm desenvolvendo projetos voltados ao diálogo com o público idoso, reconhecendo a importância da cultura e da arte como ferramentas de inclusão, escuta e valorização das memórias. Esses espaços deixam de ser apenas lugares de contemplação e tornam-se territórios de convivência, experimentação e afeto. O contato com o fazer artístico com o patrimônio simbólico amplia sentimentos de pertencimento e reafirma a pessoa idosa como protagonista de sua própria história.

Partindo da ótica sociocultural de Lev Vygotsky (1991) a aprendizagem e o desenvolvimento humano são processos contínuos e essencialmente sociais, mediados pela cultura e pelas interações com o outro, enraizado na experiência coletiva. O autor destaca que toda a função no desenvolvimento cultural da criança aparece duas vezes: primeiro no nível social, e depois, no nível individual (p. 85), ou seja, o aprendizado se constroi nas relações entre sujeitos e contextos de troca simbólica.

Embora Vygotsky tenha centrado seus estudos na infância, sua teoria pode ser estendida até a compreensão de que o aprendizado é um fenômeno que dura por muito tempo, e que se realiza a partir das relações com o outro, vencendo desafios nas trocas sociais. O que o autor chama de conceito de "zona de desenvolvimento proximal" o que é definido como:

(...) a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (Vygotsky, 1991, p. 58).

Assim, nas ações educativas e culturais voltadas à pessoa idosa, a aprendizagem se manifesta através da convivência, do diálogo e da reinterpretação das experiências vividas, fortalecendo vínculos sociais e subjetivos e possibilitando novas

formas de desenvolvimento e expressão, mesmo em etapas avançadas da vida. Um exemplo inspirador é o Meu Velho Amigo, desenvolvido em Manaus (AM), a iniciativa, realizada nas escolas estaduais, propõem estudantes do 6º ano em diante adotem idosos em situação de vulnerabilidade, promovendo visitas, rodas de conversa, oficinas, bailes e ações solidárias ao longo do ano letivo.

O projeto busca fortalecer os laços intergeracionais e sensibilizar os jovens quanto ao respeito e a valorização da pessoa idosa. De acordo com a coordenadora Maria Francisca Auxiliadora Farias, “o projeto veio para valorizar o idoso e desmistificar a ideia de que a pessoa mais velha não faz parte do contexto social” (FAPEAM, 2013). Essa experiência demonstra que a escola pode atuar como um espaço de mediação cultural e afetiva, promovendo o envelhecimento ativo e o convívio social, em consonância com Vygotsky (1991), para quem o conhecimento é resultado direto da mediação social e a troca intergeracional de saberes.

No campo museal, diversas ações vêm reafirmando o papel dos museus como espaços de cidadania e inclusão. Segundo a Pinacoteca de São Paulo (2025), por meio de seu núcleo educativo, desenvolve visitas técnicas e oficinas voltadas para grupos de pessoas idosas. Um exemplo é o programa “Meu Museu”, que teve início em 2013, após uma pesquisa de público realizada em 2012, que identificou que o público idoso correspondia a apenas 6% dos visitantes espontâneos da instituição. A partir desse dado e de outras pesquisas nacionais que apontam a diminuição da presença de pessoas idosas em espaços culturais com o avanço da idade, a Pinacoteca criou o programa com o objetivo de incentivar pessoas com mais de 60 anos a frequentar instituições culturais e fortalecer sua autonomia social e simbólica.

O Meu Museu conta com um Centro de Acolhimento, Núcleos de Convivência, promove formações para educadores e profissionais da cultura por meio de cursos como “Pessoas idosas e o museu: possibilidades educativas”, que abordam metodologias de mediação sensível, acessibilidade e escuta intergeracional, e ainda realiza publicações voltadas a esse público, além de desenvolver materiais educativos acessíveis, como jogos de tabuleiro que podem ser emprestados a idosos que têm dificuldade de locomoção.

Tais ações ampliam o alcance da experiência museal, permitindo que a relação com a arte e com a cultura ultrapasse as barreiras físicas do espaço expositivo. Entretanto, muitas pessoas idosas ainda não têm consciência de que frequentar

museus, centros culturais e participar de oficinas artísticas é um direito garantido por lei, previsto no Estatuto da Pessoa Idosa (Lei nº 10.741/2003). Essa falta de informação, somada a barreiras físicas, econômicas e simbólicas, contribui para que o público idoso se mantenha afastado de espaços culturais. Além disso, o modo como a cultura é comumente comunicada e planejada ainda tende a privilegiar o público jovem, urbano e escolarizado, reforçando a exclusão etária.

Diante desse cenário, é fundamental que os museus e instituições culturais assumam uma função social ativa, desenvolvendo estratégias de aproximação, escuta e acolhimento que contemplem a diversidade das velhices. A Política Nacional de Educação Museal (PNEM) atua como um documento institucional chave. A PNEM, construída de forma participativa e aprovada em 2017 (Brasil, p. 01), estabelece a educação museal como uma função essencial e reconhecida pelos museus, juntamente com a preservação, comunicação e pesquisa (Brasil, 2017, p. 04). O documento define a Educação Museal como “um processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o museu e a sociedade” (Brasil, 2017, p. 04). Em alinhamento com a proposta deste trabalho, as diretrizes da PNEM, inserida no Eixo III - Museus e Sociedades, reforçam o mandato da inclusão (Brasil, 2017, p. 07). Tais diretrizes enfatizam a “Promoção da acessibilidade plena ao museu”, o incentivo à formação inicial continuada de educadores para o desenvolvimento de programas acessíveis, e o estímulo a: “programas, projetos e ações educativas em colaboração com as comunidades, visando a sustentabilidade e incentivo a reflexão e a construção coletivas do pensamento crítico” (Brasil, 2017, p. 7).

A PNEM é um conjunto de princípios e diretrizes que foram destinados a nortear as práticas educacionais em instituições museológicas e a fortalecer a dimensão educativa em todos os espaços do museu. Desse modo, a PNEM fornece o subsídio institucional para o desenvolvimento de projetos que buscam efetivar a participação cultural e plena da pessoa idosa, reconhecendo o museu como espaço de diálogo e construção coletiva de conhecimento. A PNEM define educação museal como um processo de múltiplas dimensões, em diálogo permanente com o museu e a sociedade, garantindo que os museus sejam espaços de educação e promoção da cidadania (Brasil, 2017, p. 04).

Nesse sentido, o programa Meu Museu⁶, desenvolvido pela Pinacoteca de São Paulo, materializa na prática os princípios defendidos pela PNEM, a iniciativa integra o conjunto de ações educativas da instituição voltadas à ampliação do acesso e à inclusão cultural de públicos diversos, com destaque para as pessoas idosas. A iniciativa parte do entendimento de que o museu é um espaço de convivência e construção coletiva de sentidos, e não apenas de contemplação estética. Nesse contexto, o Meu Museu busca promover encontros que estimulem o diálogo, a escuta e a troca de experiências entre os visitantes e o acervo artístico da Pinacoteca.

Outro exemplo é o Museu Amigo do Idoso⁷, um programa educativo desenvolvido pelo Museu do Futebol, em São Paulo, com o objetivo de promover o convívio, a troca de experiências e a inclusão social de pessoas com mais de 60 anos. A iniciativa oferece visitas guiadas, oficinas, rodas de conversa e atividades interativas que estimulam a memória afetiva e a valorização das histórias de vida por meio do futebol e da cultura popular. O projeto busca tornar o museu um espaço acolhedor e acessível, onde o público idoso é reconhecido como protagonista cultural, fortalecendo laços comunitários e incentivando o envelhecimento ativo e participativo.

Além de projetos culturais, existem projetos universitários como o NETI-UNAPI da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), criado em 1982, é considerado o primeiro programa de educação permanente para pessoas idosas no Brasil. O NETI, que atualmente integra a Universidade Aberta para as Pessoas Idosas, atua em ensino, pesquisa e extensão, oferecendo cursos, oficinas e grupos de convivência voltados à educação continuada, à valorização da memória e à inclusão social. O programa promove o protagonismo da pessoa idosa por meio da arte, da cultura e da troca de saberes entre gerações, consolidando a universidade como espaço de envelhecimento ativo, criativo e socialmente engajado⁸.

Nessas ações, o fazer cultural assume uma dimensão educativa no sentido vygotskyano: cada interação torna-se oportunidade de desenvolvimento, troca e

⁶ PINACOTECA DE SÃO PAULO. Visita Técnica: Ações Educativas com Pessoas Idosas. São Paulo, [S.d.]. 1 vídeo. Disponível em: <https://pinacoteca.org.br/conteudos-digitais/video/videos-educativos/visita-tecnica-aco-es-educativas-com-pessoas-idosas/> Acesso em: 16 de nov. de 2025

⁷ Museu Amigo do Idoso. Museu do Futebol. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/acessibilidade/museu-amigo-do-idoso/>. Acesso em: 24 nov. 2025.

⁸ UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC). Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI). Apresentação. Florianópolis, 2023. Disponível em: <https://neti.ufsc.br/apresentacao/> Acesso em: 16 de nov. de 2025

ressignificação das vivências. Essas experiências demonstram que a arte e a cultura atuam como mediadores da consciência e da identidade, favorecendo a autonomia e a criatividade em todas as fases da vida. Reconhecer o idoso como sujeito cultural é, portanto, afirmar a potência educativa da cultura, um processo coletivo de formação contínua, em que o aprender e o viver se entrelaçam na produção de sentido, memória e pertencimento.

Desse modo, ao observar como museus, centros culturais e projetos educativos têm se estruturado para acolher e dialogar com as diversas velhices, torna-se evidente que a participação cultural da pessoa idosa depende não apenas de políticas institucionais, mas também de práticas concretas de mediação, escuta e construção de vínculos. As experiências e programas analisados no Capítulo 3 demonstram que a cultura pode atuar como campo de pertencimento, aprendizagem contínua e produção de sentido, reafirmando o papel das instituições culturais como espaços de cidadania e criação ao longo da vida.

É a partir desse entendimento, de que a presença da pessoa idosa nos espaços culturais revela tanto desigualdades quanto potências, que avançamos para o estudo de caso apresentado no Capítulo 4. Nesse novo capítulo, examinamos de forma aprofundada como essas reflexões se materializam no cotidiano do Espaço Cultural BRDE e do CEMUPI, analisando práticas de mediação, trajetórias artísticas e experiências educativas que emergem do encontro entre a exposição Virando Esquinas, de Lisete Assen, e os grupos de pessoas idosas que participaram das ações propostas.

4. VIRANDO ESQUINAS ENTRE LISETE ASSEN, ESPAÇO CULTURAL BRDE E CLUBE 12

Este capítulo apresenta o estudo de caso desenvolvido no Espaço Cultural BRDE e no Centro Multiuso da Pessoa Idosa (CEMUPI), articulando práticas culturais, participação social e envelhecimento criativo. Ao longo da escrita, discutimos como espaços culturais públicos podem favorecer o acesso de pessoas idosas à arte, destacando a mediação realizada na exposição Virando Esquinas, de Lisete Assen, e as ações educativas conduzidas com grupos 60+.

O capítulo também aborda a aproximação com o CEMUPI e a construção de uma exposição voltada para artistas idosos, incluindo a parceria com Juçara Romão e Dona Puca, criadoras da Mini Escola de Samba Dascuia. A partir das entrevistas realizadas com as duas artistas, reflito sobre como suas trajetórias, práticas manuais, memórias e vínculos comunitários revelam formas de criação que acontecem ao longo da vida e que reafirmam a potência do envelhecer de maneira ativa, coletiva e profundamente ligada às experiências culturais dos territórios.

Neste estudo, adotou-se uma abordagem metodológica qualitativa baseada em entrevistas abertas e narrativas de vida, o que permitiu compreender de forma sensível as trajetórias das artistas envolvidas. A conversa com Lisete Assen, realizada durante a mediação da exposição Virando Esquinas, contribuiu para interpretar seus processos de criação, memórias e modos de olhar a cidade, enquanto as entrevistas com Juçara e Puca, conduzidas por questionário semiestruturado e aprofundadas em encontros no CEMUPI e no ateliê da Dascuia, revelaram narrativas que entrelaçam arte, envelhecimento, comunidade e pertencimento.

Essa metodologia, centrada na escuta e na construção compartilhada de sentidos, evidenciou que os relatos das artistas não apenas informam a pesquisa, mas constituem saberes fundamentais sobre envelhecer criativamente em contextos populares e periféricos, orientando uma compreensão mais ampla da produção cultural 60+.

4.1 ESPAÇO CULTURAL BRDE - GOV. CELSO RAMOS

O Espaço Cultural BRDE - Gov. Celso Ramos é um importante ponto de difusão de artes visuais, localizado na Av. Hercílio Luz, número 617, em Florianópolis. Inaugurado em 2002, é uma instituição de iniciativa privada, aberta ao público com entrada gratuita, de segunda a sexta, das 13 às 19h, sob uma política de não ter fins lucrativos. É gerenciado pela produtora Harmônica Arte & Entretenimento, reconhecida como uma produtora “manezinha” (nascida em Florianópolis), dedicada à promoção de diversas manifestações artísticas e ao incentivo à produção local. Um dos aspectos centrais da sua atuação é o compromisso com a democratização do acesso à arte, o que se reflete no seu calendário de exposições: a inscrição para participar do edital e integrar a programação anual é gratuita, com auxílio para montagem, coquetel de abertura de exposição, legendas e catálogo com ficha técnica das obras e informação valores para venda, se necessário.

Em relação à acessibilidade, o espaço apresenta boas condições gerais para visitação, com acesso facilitado ao salão de exposições e sinalizações bem à mostra. No entanto, o banheiro do espaço possui um pequeno degrau na entrada, o que pode dificultar o uso por pessoas com mobilidade reduzida ou que utilizam cadeira de rodas. Essa limitação, embora pontual, evidencia a importância de pensar a acessibilidade de forma integral nos espaços culturais, de modo que todas as pessoas possam usufruir plenamente das experiências artísticas e educativas oferecidas.

O Espaço Cultural BRDE se torna o local do estudo de caso pois ao longo desses treze meses que estou estagiando no espaço, pude perceber que a maioria dos artistas que expunham ou visitavam o local eram de pessoas com 60 + ou próximo dos 60 anos. Muitos dos artistas que passaram por lá me relataram que só conseguiram se dedicar à arte após a aposentadoria, pois é quando se consegue tempo e tem um financeiro um pouco mais estável, alguns até falaram que é quando chega o tempo de ócio que a arte vira um escape, um novo sentido de vida e de pertencimento. O público de visitante espontâneo por sua vez também são de pessoas acima de 60 anos, esse público comparece às exposições com interesse genuíno, tanto para apreciar as obras quanto em participar das atividades e até mesmo expor seus próprios trabalhos.

Como por exemplo dois artistas que eu conheci no espaço como visitantes e interessados em expor no local: Terezinha Costa que segundo sua biografia no instagram: “Escultora, artista plástica, e poetisa a 55 anos de arte”; Claudemir “MIR

Sestrem”, um senhor 60+ que constrói telas feita com resíduos de cupim e cola, formando obras lindíssimas.

Figuras 2 – Artistas 60+: (a) Therezinha Costa e (b) Mir Sestrem



Fonte: print do instagram dos respectivos artistas

Segundo depoimento de Lisete Assen, concedido à autora em entrevista realizada em 2024, a gratuidade do espaço e sua localização central ampliam as possibilidades de acesso e encontro entre pessoas idosas e a arte. Embora os problemas de estruturas no banheiro, essa observação aponta para a necessidade contínua de pensar a acessibilidade de forma ampla, como simbólica e social, garantindo que todos possam usufruir plenamente dos espaços culturais.

4.2 SOBRE A ARTISTA LISETE ASSEN E A EXPOSIÇÃO VIRANDO ESQUINAS

Lisete Assen (1954), natural de Porto Alegre, vive em Florianópolis desde 1982. Artista visual e arquiteta-urbanista, doutora em Estruturas Ambientais Urbanas, atuou como docente de projeto urbano na UFSC e na UNIVALI, experiências que aprofundaram seu olhar sobre a cidade, o espaço e os modos de habitar, dimensões

que atravessam sua poética. Atualmente estuda na Escola VOS de arte e criatividade e é filiada à Associação Catarinense de Artistas Plásticos (ACAP). Sua investigação artística tem se concentrado em técnicas aguadas, especialmente a aquarela, explorando transparências, fluidez e sobreposições. Entre o figurativo e o abstrato, Lisete constrói imagens que dialogam com os contextos vividos, com a paisagem urbana e com a percepção sensível do tempo. Para ela, as paisagens nunca são apenas cenários: carregam memórias, afetos, presenças e camadas de experiência, uma síntese que atravessa sua produção.

Embora tenha se aproximado da criação artística ainda nos anos 1990, quando integrou o Grupo Conexão Sacco, foi aos 60 anos que passou a pintar de modo contínuo, assumindo a prática como um campo de investigação e prazer. Com maturidade, diz ter aprendido que o processo criativo é infinito e, muitas vezes, mais significativo que o produto final. Enxerga o envelhecer como parte desse mesmo movimento: um processo criativo em si. Sua obra, ainda que não trate diretamente de memórias pessoais, é permeada por uma dimensão afetiva e coletiva, fruto do acúmulo de vivências e da consciência de que o tempo, com suas muitas “esquinas”, molda nossos gestos e percepções. A aquarela, com suas camadas e transparências, acaba ecoando essa ideia de experiência sedimentada, ainda que de maneira intuitiva.

Lisete vê na arte um espaço de partilha e acesso, valorizando especialmente a presença de suas obras em ambientes públicos, onde pessoas diversas, inclusive outras pessoas idosas, podem se encontrar com a arte. Acredita que criar e fruir arte é um modo de ampliar sentidos, cultivar desejos alegres e fortalecer a própria força de agir no mundo, dialogando com reflexões de Marilena Chauí⁹ sobre felicidade e autonomia.

Ao mesmo tempo, reconhece a importância de ampliar políticas públicas e estruturas de divulgação que garantam que mais pessoas, sobretudo de classes sociais menos favorecidas, possam fazer e acessar arte. Para ela, a potência do envelhecer

⁹ Marilena de Souza Chauí (1941) é uma das mais importantes filósofas brasileiras, professora emérita da USP e referência nos estudos sobre Spinoza, ideologia e democracia. Autora de vasta produção intelectual, atua também no debate público sobre política, cultura e direitos humanos. Sua obra combina rigor teórico e compromisso crítico com a realidade social brasileira. MONTE, Karolina. Quem é e o que pensa Marilena Chauí, filósofa brasileira contemporânea. Guia do Estudante, 22 set. 2023. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/quem-e-o-que-pensa-marilena-chau-i-filosofa-brasileira-contemporanea/>. Acesso em: 24 nov. 2025.

está menos em identidades fixas e mais na possibilidade de continuar produzindo, trocando e se abrindo a novos significados. Sua trajetória, que ela mesma descreve como “uma linha em movimento que muda de cor”, revela uma artista cuja sensibilidade está sempre sendo afetada pelo ambiente, pela cidade, pelo tempo e pelas relações, e que deseja, com suas aquarelas, simplesmente despertar sentimento, qualquer que seja ele, desde que toque quem olha.

A exposição *Virando Esquinas*, de Lisete Assen, resulta de uma pesquisa pictórica em que a artista explora a esquina como espaço físico e metáfora existencial. A partir de sua vivência entre cidades e paisagens marítimas, Lisete transita entre o figurativo e o abstrato, instaurando um território de passagem, encontro e transformação. Seu processo de criação, sustentado por experimentações em técnicas aguadas sobre papel, traduz a fluidez e a instabilidade próprias das esquinas, lugares onde a luz muda, o percurso se redefine e o inesperado se anuncia. Mais que um motivo visual, a esquina torna-se linguagem e pensamento, revelando as dobras da vida, do tempo e das emoções.

Em cada obra, Lisete convida o espectador a compartilhar a experiência de virar esquinas e abrir-se a novos olhares. Ao expandir o conceito para além da arquitetura e da geografia, a artista revela que toda esquina também é uma dobra interior. São pontos de inflexão que carregam escolhas, encontros e mudanças de rumo, permitindo à pintura instaurar não apenas imagens, mas também reflexões sobre a própria condição humana.

Figura 3 – Card de divulgação da exposição Virando Esquinas



Fonte: Espaço Cultural BRDE Gov. Celso Ramos, 2025

4.3 CENTRO MULTIUSO DA PESSOA IDOSA - CEMUPI ANTIGO CLUBE 12

O Clube Doze de Agosto, fundado em 1872 e situado na Avenida Hercílio Luz, no centro de Florianópolis, faz parte da memória afetiva da cidade. Conhecido por décadas como um espaço de lazer, esporte e eventos – especialmente os tradicionais bailes de carnaval – o prédio passou por um processo de restauração realizado pela Prefeitura e foi transformado no Centro Multiuso da Pessoa Idosa (CEMUPI). Nos dias 26 e 27 de março de 2025, o antigo clube ganhou um novo significado: abriu novamente ao público e tornou-se um espaço público voltado ao bem-estar, à autonomia e ao envelhecimento ativo.

O CEMUPI reúne em um único espaço serviços e atividades das áreas de Assistência Social, Saúde, Educação, Esporte, Cultura e Lazer, funcionando como um centro integrado para pessoas idosas. Ali, a população encontra biblioteca, academia,

salas multiuso e uma programação diversificada que inclui artesanato, música, dança, teatro, ginástica, informática e atividades de promoção da saúde. Também funciona no local o programa Floripa 60+ Empregos, a EJA exclusiva para idosos, atendimentos do Pró-Cidadão, CadÚnico, Procon e emissão de credenciais de estacionamento. Tudo isso facilita o acesso às políticas públicas e aproxima o idoso da vida comunitária.

O espaço, que já se tornou referência na cidade, oferece mais de 30 atividades gratuitas voltadas ao corpo e à mente. Há aulas de yoga na cadeira, pilates, dança, teatro, artesanato, inglês, oficinas criativas, estimulação cognitiva e grupos terapêuticos. Também são realizadas formações em parceria com o SENAC e a Microlins, além de programas como o 60+ Conectado, que ensina o uso de tecnologias e redes sociais. Para muitos frequentadores, o CEMUPI é tanto um espaço de aprendizagem quanto um lugar de encontro e socialização. Como relata Rachel Moreira de Mesquita, pessoa idosa e com deficiência, em entrevista para G1 – Santa Catarina (2025): “O lugar ficou excelente, agora está 100% acessível. Faço yoga na cadeira e terapia em grupo, e adoro participar das palestras. É um espaço que faz bem para o corpo e para a mente”.

Outro participante, Alfredo de Salles Gitahy, que iniciou o curso de teatro recentemente, também destaca o acolhimento e a qualidade do espaço:

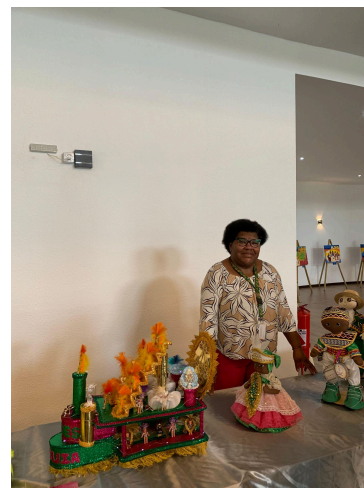
Para minha surpresa, no primeiro dia em que coloquei os pés no CEMUPI, fui atendido com uma cortesia singular por todos os funcionários. Senti-me muito bem acolhido. A estrutura é excelente — o antigo prédio do Clube 12 foi restaurado e está em ótima condição de uso. Altamente recomendo aos idosos que conheçam o local (G1 - Santa Catarina, 2025).

A relação cotidiana dos usuários com o espaço mostra que existe um esforço constante para acolher, adaptar e garantir que as atividades façam sentido para quem participa. As três pessoas que fazem o espaço realmente acontecer e ganhar forma são: Paulo Medeiros, da equipe de Assessoria de Políticas Públicas da Pessoa Idosa; Janaina Mezzari, coordenadora do Programa Floripa 60+ Ativa e integrante da mesma assessoria; e Sandra Maria Raimundo, também Assessora de Políticas Públicas da Pessoa Idosa. Somam-se a eles outras pessoas que mantêm o funcionamento diário, como seguranças, recepcionistas e professores voluntários, fundamentais para que o ambiente siga vivo e ativo.

Durante o Outubro da Pessoa Idosa, o CEMUPI ganhou ainda mais destaque. A Prefeitura promoveu uma programação especial com aulas intergeracionais,

seminários sobre longevidade, oficinas voltadas a microempreendedores, eventos comunitários, sessões de cinema, espetáculos, shows, exposições e oficinas artísticas. Entre as atividades dos dias 16 e 17 de outubro aconteceram os chamados “dias culturais”, que concentraram uma série de ações voltadas à expressão e ao convívio. No dia 16, o grupo de teatro Estamos Aí (NETI–UNAPI) apresentou o espetáculo “A Vida Depois dos 50”. Logo depois, ocorreu a abertura da exposição com artistas 60+, organizada pela autora em parceria com a equipe do CEMUPI: “Pinturas que inspiram um envelhecimento ativo e bem-sucedido”, da professora Giovana Mazo, que desenha sobre a vivência de pessoas idosas. Também tivemos uma breve fala sobre “Virando Esquinas”, de Lisete Assen; “Côsas de Floripa”, do artista Hamilton J. Souza; e “Mini Escola de Samba Dascuia”, com as artistas Juçara Romão e Puca. A tarde foi finalizada com uma apresentação musical e um bailinho animado pela cantora Ivonita de Concílio.

Figuras 4 – Expositores no evento Tarde Cultural no Clube 12:
(a) Giovana Mazo; (b) Hamilton J.; (c) Puca.



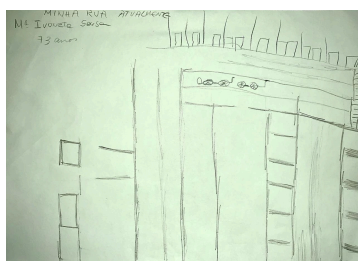
Fonte: arquivo da autora

No dia 17 de outubro fizemos a mediação da exposição Virando Esquinas e a atividade de desenho. O ponto de encontro foi às 14h, no Clube 12, para seguirmos até o BRDE. A mediação foi conduzida pela própria Lisete, que contou sobre como é fazer arte aos 60+. Essa conversa serviu como inspiração e ajudou a abrir a mente das senhoras para que elas pudessem criar seus desenhos com mais liberdade. A

mediação da oficina de desenho foi feita pela autora. Conversamos sobre as esquinas por onde elas já passaram, tanto ao longo da vida quanto no caminho de casa até o espaço cultural, e sobre a ideia de que a arte não tem idade, que qualquer pessoa pode começar a pintar, dançar ou se descobrir em qualquer momento da vida. Usando canetinhas, lápis de cor e giz de cera, as idosas desenharam suas memórias das ruas. Foram cinco participantes, e três delas aceitaram desenhar. Dona Maria Ivonete Souza de 74 anos representou a rua onde mora, com as motos e os barulhos que a acordam durante a noite e a incomodam durante a tarde; Dona Marilene Amorim de 60 anos desenhou a Armação da sua infância; e Dona Puca de 60 anos, desenhou o que ela vê quando anda pelas ruas do centro: família, amor e vícios.

Figuras 5 – Desenhos das visitantes na exposição Virando Esquinas:

(a) Maria Ivonete; (b) Marilene Amorim; (c) Juca



Fonte: arquivo da autora

Figuras 6 – Registros da mediação e oficina de desenho no Espaço Cultural BRDE



Fonte: arquivo da autora

O mês foi encerrado com o tradicional Baile da Pessoa Idosa, realizado no próprio centro. Paralelamente, os grupos do programa Floripa 60+ Ativa levaram suas atividades para escolas, comunidades e instituições de longa permanência, fortalecendo a presença do idoso nos diferentes territórios da cidade. O CEMUPI se consolidou como um espaço de convivência e de construção coletiva, onde o envelhecer deixa de ser visto apenas como fase de perdas e passa a ser reconhecido como um tempo de criação, autonomia e participação social.

4.3.1 Relato sobre Exposição de arte com artistas 60+: Dascuia no CEMUPI

No mês de agosto fui ao Clube 12 no intuito de construir uma ponte entre o Espaço Cultural BRDE e a CEMUPI, criando grupos de pessoas idosas para visitar o espaço, pensando principalmente na exposição da Associação Catarinense de Artistas Plásticos (ACAP) que estaria em cartaz nos meses de setembro e outubro. Achei totalmente interessante porque a Acap é um grupo de artistas onde a maioria dos integrantes têm mais de 60 anos. Porém conheci Paulo, Jana e Sandra que desde o início sempre foram muito gentis e solícitos comigo, conversamos e me deram a ideia de fazer uma exposição com duas semanas de duração no mês de outubro que é o mês da pessoa idosa, fui atrás da Acap, mas não deu certo pois eles estão com o calendário lotado graças ao 50 anos de associação e suas diversas exposições durante o ano.

Então, conversamos e a equipe do CEMUPI conseguiu dois artistas para a exposição, e eu consegui conversar com a Juçara Romão (62 anos) e a Dona Puca (60 anos), criadoras da Mini Escola de Samba Dascuia. A exposição da Giovana e do Hamilton ficou no espaço durante o evento da Tarde Cultural, enquanto que a arte da Dascuia ficou em exposição por mais duas semanas até o início de novembro. Eu fiquei na responsabilidade de levar as obras ao ateliê delas no Morro do Céu, na escola de samba Dascuia, ali conheci um pouco das costuras e um pouco sobre elas também.

Assim, quando as conheci em uma quinta-feira, durante a oficina de costura aberta à comunidade, entendi imediatamente que suas trajetórias precisavam estar presentes no meu TCC. A partir das entrevistas realizadas com Juçara Romão e Dona Puca, conduzidas por meio de um questionário sensível e narrativo, pude aprofundar a

compreensão sobre como arte, envelhecimento, memória, raça e território se entrelaçam nas histórias e práticas das artistas. Ao serem questionadas sobre o que significa ser artista, ambas apontam que a criação ultrapassa a materialidade dos objetos. Para Juçara, “criar na mente também é arte”, revelando que a criatividade nasce do cotidiano, das observações e das memórias que a atravessam. Já Dona Puca amplia essa ideia ao afirmar que ser artista é também reinventar a própria vida: “criar na mente uma vida nova... estar sempre à exposição de ser outra pessoa, não aquela que já sofreu”. Para elas, a arte é prática, mas também é cura, reconstrução e possibilidade de futuro.

As duas artistas reconhecem que sua formação está profundamente enraizada nas mulheres que as antecederam. Juçara menciona a mãe, Zulma Silva Romão, e a tia Valdionira dos Anjos, como pilares de sua trajetória. Puca destaca a força de Negatidis, sambista histórica de Florianópolis, e de Dona Valdanielha, mulher de 90 anos, lúcida e atuante, referência viva de resistência e produção cultural negra. Essas memórias não são apenas lembranças: são pedagogias. São formas de aprender a criar, ensinar e sobreviver. E isso aparece na própria relação delas com a comunidade. Juçara afirma que se sente realizada ao ensinar outras mulheres, oferecendo oportunidades de renda e autonomia. Puca, pedagoga, artista e sambista, expressa o desejo de formar novos artistas no Instituto É da Nossa Cor¹⁰, onde seu filho trabalha com crianças da comunidade. Ambas compreendem seu papel como disseminadoras de saberes e como guardiãs de tradições.

Ao falar sobre envelhecer, nenhuma das duas associa essa fase à perda. Juçara declara sentir-se “uma menina na hora de criar”, ressaltando que a experiência acumulada se transforma em sabedoria e generosidade para ensinar. Puca, por sua vez, afirma não perceber que envelheceu: “minha mente ainda não envelheceu, e acho que vai demorar para cair a ficha”. Elas reafirmam o envelhecimento como um processo de expansão, autonomia e afirmação existencial. Juçara destaca que, com o tempo, percebeu a necessidade de produzir bonecas negras, tornando-se uma das pioneiras em Santa Catarina com esse trabalho, em resposta à ausência de

¹⁰ O É Da Nossa Cor é um negócio de impacto social que nasceu com foco no empoderamento e protagonismo social a partir da cultura afrobrasileira. Realizamos ações sociais e educacionais com crianças e adolescentes da comunidade do Monte Serrat visando construir formas saudáveis de enfrentamento ao racismo. ASSOCIAÇÃO É DA NOSSA COR. Sobre. Edanossacor.org, [s.d.]. Disponível em: <https://edanossacor.org/sobre/>. Acesso em: 24 nov. 2025.

representações positivas na infância negra. Já Puca reforça que a arte, em qualquer idade, permanece viva dentro da pessoa: “a arte nunca sai da mente... basta ter tempo para colocar para fora”.

Ambas reconhecem que criar hoje é simultaneamente ato de resistência e autocuidado. Resistência contra o racismo, o etarismo, o apagamento cultural e a desvalorização do trabalho de mulheres negras. Autocuidado porque a criação permite reorganizar emoções, recontar a própria história e encontrar sentido no cotidiano. As falas das artistas deixam evidente que a Mini Escola de Samba Dascuia não é apenas um espaço de trabalho manual ou festa, é um território de memória, pertencimento e construção política. Para Juçara, a exposição no Clube 12 foi um divisor de águas, pois permitiu homenagear a força das mulheres negras que constroem o carnaval: “que aquela mulher forte vive todos os dias e não deve apagar seu brilho”. Já para Puca, a mini escola representa a possibilidade de reinscrever corpos negros e periféricos em um espaço historicamente elitizado: o Clube 12. Ela enfatiza que era um clube que “não entrava negros”, e que levar a exposição para lá simboliza uma vitória coletiva e histórica. O momento foi profundamente significativo: “colocar no Clube 12 um trabalho tão bem feito de artistas negras da periferia é um privilégio muito grande”.

As duas reforçam que o carnaval da comunidade é intergeracional e que as mulheres mais velhas, especialmente a ala das baianas, são pilares da tradição. Puca explica que elas “dão a vida pelo que estão fazendo”, carregam saberes antigos e atuam como protetoras da alegria coletiva.

Nas questões sobre preconceitos, Juçara diz não sentir discriminação diretamente, ela reconhece que artistas 60+ ainda encontram poucos espaços e políticas específicas. Puca, por outro lado, relata ter vivido preconceitos ao longo da vida, seja por ser negra, periférica ou mulher mais velha. Mesmo assim, afirma que sua força e presença afirmada intimidam preconceitos: “sou uma mulher empoderada... sabem que aqui a conversa é outra”. Puca também aponta para a invisibilização histórica da arte produzida no morro: das rendeiras às lavadeiras, das cozinheiras às costureiras. Para ela, isso também é arte e precisa ser reconhecida como tal.

Quando perguntadas sobre o que significa expor para pessoas idosas, ambas falam de identificação e orgulho. Juçara diz ser “muito gratificante” ver outras pessoas idosas reconhecendo que também são capazes. Puca reforça que criar abre novos sentidos para a vida e que sua cor negra é também sua bandeira de luta e resistência.

Por fim, ao serem convidadas a imaginar uma mensagem para mulheres 60+ da periferia, as duas convergem em um chamado à coragem, autonomia e liberdade: Juçara: “Aqui você vai encontrar amor, alegria, felicidade, liberdade emocional e financeira”; Puca: “Você pode. Não se preocupe com o que vão falar. A vida é curta. Vamos dançar, criar, viver”.

Quando aproximo essas narrativas das falas de Lisete Assen, percebo como trajetórias tão distintas encontram pontos de encontro. Lisete, com suas aquarelas e suas “muitas esquinas”, também vê o envelhecer como um processo criativo contínuo. Ela só começou a pintar de forma regular após os 60, quando a aposentadoria lhe permitiu tempo e respiro. Sua visão dialoga com a literatura que associa a velhice, em contextos com maior estabilidade econômica e educacional, à autonomia, ao lazer e à expansão pessoal. Em contrapartida, a experiência da Dascuia expõe desigualdades raciais e socioeconômicas, mostrando uma velhice vivida na resistência, no trabalho comunitário e na luta por reconhecimento. Ao reunir Lisete, Juçara e Puca, fica evidente que o envelhecimento criativo não é uniforme, é múltiplo, marcado pelo território, pelo acesso e pelas histórias de vida. Mas também fica claro que, em todas essas trajetórias, a arte é a força que atravessa o tempo. Ela cria caminho, cria sentido, cria futuro.

E é justamente a partir desses encontros, dessas narrativas e dessas formas tão diferentes de envelhecer criando, que quero propor uma ação educativa voltada ao público idoso, uma ação que reconheça suas memórias, valorize seus saberes e abra espaço para que continuem sendo protagonistas de suas próprias histórias.

5. PROPOSTA DE AÇÃO EDUCATIVA: TRAÇOS DA MEMÓRIA - ENVELHECER CRIANDO

5.1 APRESENTAÇÃO

O projeto *Traços da Memória – Envelhecer Criando* nasce do desejo de oferecer uma ação educativa sensível e significativa para pessoas idosas, unindo memória, criação e presença nos espaços culturais. A proposta integra três momentos complementares: uma visita mediada à exposição em cartaz no Espaço Cultural BRDE, uma oficina de desenho realizada no Clube 12 (CEMUPI) e, por fim, uma exposição coletiva que reunirá os trabalhos produzidos pelos participantes. A ideia é construir um percurso que valorize as histórias de vida, estimule a expressão criativa e fortaleça o protagonismo das pessoas idosas dentro da cena cultural.

A partir das experiências vividas no Espaço Cultural BRDE, no CEMUPI e das entrevistas com Lisete Assen, Juçara Romão e Dona Puca, ficou evidente que o envelhecimento criativo é uma potência que acompanha a vida inteira. Essa compreensão dialoga diretamente com o que o Programa Meu Museu, da Pinacoteca de São Paulo, afirma ao destacar que “um dos principais objetivos [...] reside em promover o encontro entre as distintas memórias – as particulares e as coletivas”. Ou seja, ações culturais cuidadosas podem transformar lembranças em pertencimento, e pertencimento em autonomia.

Assim como Lisete encontra na aquarela um espaço para reorganizar suas narrativas, e como Juçara e Puca transformam costuras, estandartes e samba em resistência cotidiana, esta proposta parte da ideia de que a criação não tem idade. Cada pessoa idosa carrega trajetórias, saberes e memórias que, quando ativados em espaços de acolhimento, se tornam força criativa. Os espaços culturais, nesse sentido, têm a responsabilidade de garantir não apenas acesso físico, mas também acesso emocional, cognitivo e afetivo, como aponta o conceito de acessibilidade ampliada da Pinacoteca, que envolve dimensões intelectuais e atitudinais (CHIOVATTO et al., 2010). O projeto se estrutura como um caminho que reconhece e valoriza diferentes modos de envelhecer e criar, entendendo que as memórias individuais e coletivas se fortalecem quando encontram espaços para serem compartilhadas, escutadas e transformadas em

gesto artístico. A ação educativa descrita neste trabalho foi realizada em caráter experimental, servindo como experiência piloto que fundamenta a proposta apresentada no capítulo seguinte.

5.2 JUSTIFICATIVA

Esta proposta se fundamenta no Estatuto da Pessoa Idosa (Lei nº 10.741/2003), que em seus artigos 3º, 20 e 21 garante o direito à cultura, ao lazer e à participação em atividades educativas e artísticas como formas essenciais de inclusão social, bem-estar e valorização da cidadania na velhice. Partindo desse princípio, o projeto reconhece que o acesso à arte não deve ser privilégio, mas um direito e que os espaços culturais têm responsabilidade de acolher as múltiplas experiências, trajetórias e saberes das pessoas idosas.

A ação busca fortalecer o envelhecimento ativo e criativo, estimulando a troca de experiências, a construção coletiva de memórias e a valorização da produção cultural realizada por pessoas 60+. Ao criar uma ponte entre o Espaço Cultural BRDE e o Clube 12 (CEMUIPI), o projeto amplia o acesso à arte, aproxima instituições e territórios e oferece oportunidades reais de expressão pessoal, protagonismo e pertencimento. Trata-se, portanto, de uma iniciativa que não apenas promove atividades culturais, mas reconhece as pessoas idosas como criadoras, produtoras de saberes e agentes fundamentais na construção da vida cultural da cidade.

5.3 OBJETIVOS

5.3.1 Objetivo Geral

Garantir o direito das pessoas idosas à participação cultural e à expressão criativa, por meio de experiências educativas em artes visuais que promovam autonomia, sensibilidade e protagonismo.

5.3.2 Objetivos Específicos

1. Realizar uma visita mediada ao Espaço Cultural BRDE, estimulando um olhar crítico, sensível e conectado às memórias do grupo.
2. Desenvolver uma oficina de desenho no Clube 12 (CEMUPI), incentivando a experimentação e a expressão artística como forma de narrar trajetórias.
3. Construir, de maneira colaborativa, uma exposição final com os trabalhos produzidos pelos participantes, valorizando processos e percursos individuais e coletivos.
4. Reconhecer e fortalecer a produção artística da pessoa idosa como linguagem de memória, identidade e participação cultural.

5.4 PÚBLICO-ALVO

Pessoas idosas participantes do Clube 12 (CEMUPI), bem como membros da comunidade local que tenham interesse em vivenciar experiências artísticas, educativas e de convivência intergeracional.

5.5 METODOLOGIA

A realização da proposta será organizada em três etapas integradas, que se articulam entre si para promover uma experiência completa de fruição, criação e compartilhamento:

1. Visita mediada ao Espaço Cultural BRDE: A atividade será conduzida por mim, Juliana, em diálogo com o(a) artista da exposição em cartaz. A visita buscará estimular conversas, trocas de percepções e leituras sensíveis das obras, favorecendo que cada participante relacione a experiência estética com suas próprias memórias e vivências.
2. Oficina de desenho no Clube 12 (CEMUPI): Após a visita, será realizada uma oficina prática no Clube 12, onde os participantes poderão experimentar o desenho como forma de expressão, observação e reconstrução de lembranças.

As atividades propostas dialogam diretamente com a visita anterior, valorizando gestos, memórias afetivas e a criatividade singular de cada pessoa idosa.

3. Exposição final dos trabalhos: A última etapa consistirá na organização de uma mostra coletiva no Clube 12, reunindo as produções realizadas durante a oficina. A exposição será aberta à comunidade e funcionará como um momento de celebração do protagonismo das pessoas idosas, fortalecendo seu pertencimento aos espaços culturais e reconhecendo a potência criativa presente em todas as fases da vida.

5.6 CRONOGRAMA

O cronograma a seguir prevê a execução da proposta durante o mês de outubro, em comemoração ao mês da pessoa idosa, distribuída em cinco semanas consecutivas:

Quadro 1 – Cronograma de Execução da Ação Educativa

Etapa	Descrição da Atividade	Período
Divulgação e inscrições	Divulgação da proposta ao público idoso e abertura das inscrições.	Semanas 1 e 2
Visitação mediada ao Espaço Cultural BRDE	Realização da visita educativa à exposição em cartaz.	Semana 3
Oficina de desenho no Clube 12	Oficina prática de criação a partir das experiências da visita.	Semana 3
Organização da exposição coletiva	Seleção, preparação e montagem dos trabalhos produzidos pelos participantes.	Semana 4
Abertura da exposição final	Abertura oficial da mostra coletiva, aberta à comunidade.	Semana 4

Fonte: elaborado pela autora.

5.7 RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se que a realização do projeto Traços da Memória – Envelhecer Criando produza efeitos que ultrapassem a dimensão pontual da atividade, contribuindo diretamente para a valorização das pessoas idosas enquanto sujeitos culturais. Entre os principais resultados, destacam-se:

1. Ampliação do acesso à cultura e aos espaços expositivos, fortalecendo a presença de pessoas idosas em ambientes artísticos e reafirmando seu direito à participação cultural, conforme previsto no Estatuto da Pessoa Idosa.
2. Fortalecimento da autonomia criativa e da autoestima, permitindo que cada participante reconheça seu próprio repertório sensível, suas narrativas e memórias como matéria legítima para a criação artística, assim como observado nas trajetórias de Lisete Assen, Juçara Romão e Dona Puca.
3. Estímulo ao envelhecimento criativo, compreendendo o processo de envelhecer como espaço de potência, expansão e invenção de si, em diálogo com autores que abordam a memória, a acessibilidade ampliada e a importância da participação ativa em práticas culturais.
4. Criação de vínculos afetivos e comunitários, favorecendo a convivência intergeracional, o sentimento de pertencimento e a reconstrução de memórias no presente, tal como discutido nas experiências do Programa Meu Museu e nas práticas da Dascuia enquanto território de resistência e partilha.
5. Realização de uma exposição coletiva, que valorize a produção dos participantes como expressões biográficas e culturais, funcionando como um gesto público de reconhecimento da criatividade 60+ e de visibilidade para narrativas muitas vezes silenciadas nos espaços culturais.
6. Fortalecimento das relações entre o Espaço Cultural BRDE e o Clube 12 (CEMUI), consolidando uma ponte institucional que amplia o acesso, diversifica os públicos e promove ações educativas sensíveis às questões de memória, raça, território e envelhecimento.

CONCLUSÃO

O desenvolvimento deste trabalho permitiu compreender com maior profundidade como ações educativas em espaços culturais podem contribuir para o fortalecimento da autonomia, da criatividade e da memória de pessoas idosas. Ao longo da pesquisa, tornou-se evidente que o envelhecimento, quando acompanhado de oportunidades culturais, pode assumir sentidos mais amplos, afirmativos e conectados ao exercício da cidadania. A execução do estudo de caso no Espaço Cultural do BRDE, somada às entrevistas com artistas e à aplicação do projeto no CEMUPI (antigo Clube 12), demonstrou que a mediação cultural, quando pensada para o público 60+, produz efeitos concretos sobre pertencimento, autoestima e continuidade de projetos de vida.

Destaca-se também a atividade realizada no dia 17 de outubro, quando conduzimos uma mediação guiada com a artista Lisete Assen, seguida de uma oficina de desenho e memória com três mulheres idosas 60+, na exposição “Virando Esquinas”. Na oficina, cada participante produziu desenhos a partir de lembranças de ruas e esquinas marcantes de suas trajetórias, compartilhando ainda relatos sobre suas caminhadas diárias e experiências de vida. Todas descreveram que, na infância, adoravam desenhar, mas, com o passar dos anos, acabaram abandonando essa prática devido às demandas da vida adulta. Uma delas recordou as ruas onde brincava quando criança; outra falou sobre o que observa ao caminhar pelas ruas hoje, pessoas em situação de rua que se amam, e outras que utilizam entorpecentes “para se livrar de algumas memórias que causam dor”, como relatou. A oficina, além de promover expressão e reflexão, evidenciou como a arte pode reabrir caminhos afetivos interrompidos ao longo da vida, reconectando essas mulheres às suas próprias histórias e potências criativas. Os apontamentos apresentados não devem ser compreendidos como resultados conclusivos, mas como indicativos observados a partir de uma experiência pontual.

Nesse processo, algumas limitações também se apresentaram. Uma delas diz respeito à ausência da pergunta “idade” no caderno de registro de visitas do espaço cultural. A inclusão desse campo teria possibilitado uma compreensão mais precisa sobre o perfil etário do público frequentador, especialmente no que se refere à presença de pessoas idosas. Saber quantas delas visitam espontaneamente o local

permitiria aprofundar a análise sobre acesso, participação e recorrência desse grupo, colaborando para políticas internas de programação e acolhimento.

A pesquisa também evidenciou como trajetórias de artistas idosas, como Lisete Assen, Juçara e Puca, funcionam como exemplos vivos de que a arte transforma o envelhecimento. Suas vidas e produções demonstram que a criação permanece possível e potente na senescência, contrariando estereótipos que associam a velhice ao declínio. Nas entrevistas, nas rodas de conversa e nas oficinas, essas artistas mostraram que a arte é um território de vitalidade, aprendizado e reinvenção, fortalecendo o processo formativo das participantes e reafirmando que o envelhecimento pode ser criativo, expressivo e socialmente ativo.

Outro aspecto importante diz respeito ao contexto contemporâneo: o tema do envelhecimento tem ganhado crescente visibilidade na sociedade brasileira. Nos últimos anos, filmes, séries, campanhas de mídia e debates públicos vêm abordando a velhice com maior profundidade e diversidade, rompendo com representações estigmatizadas. Até mesmo o ENEM passou a incluir questões relacionadas ao envelhecimento, às políticas para a pessoa idosa e aos desafios demográficos do país, indicando que o tema está atravessando diferentes esferas de formação, cultura e cidadania. Projetos como o aqui apresentado inscrevem-se nesse movimento mais amplo, reforçando a necessidade de integrar o envelhecimento às discussões culturais, sociais e educativas.

Ainda assim, permanece evidente a lacuna histórica de políticas públicas voltadas ao acesso cultural da população idosa, sobretudo das classes populares. Embora o Estatuto da Pessoa Idosa reconheça cultura e lazer como direitos, poucas iniciativas estruturadas garantem meios de participação, formação ou continuidade de programas culturais. Para muitas pessoas idosas de baixa renda, o acesso à arte ainda depende de esforços individuais, de redes comunitárias ou de projetos esporádicos. Essa lacuna reforça a necessidade de políticas permanentes que garantam transporte, acessibilidade, mediação qualificada e oportunidades concretas de criação e de participação cultural.

A partir das experiências relatadas e analisadas, este trabalho reafirma que espaços culturais podem se tornar territórios de cuidado, escuta e expressão quando se abrem à presença das pessoas idosas de forma intencional e qualificada. A mediação cultural, nesse sentido, não se limita a traduzir conteúdos, mas opera como

prática que articula memória, autonomia e pertencimento. Assim, a proposta de criação de um programa contínuo de mediação cultural voltado ao público idoso surge como desdobramento necessário, não apenas para ampliar o acesso à cultura, mas para reconhecer o envelhecer como etapa legítima de criação e participação ativa na vida social. Em síntese, a pesquisa confirma que a relação entre envelhecimento e cultura é campo fecundo e em expansão, mas ainda pouco explorado nas políticas públicas. Fortalecer essa pauta significa afirmar que pessoas idosas são sujeitos de história, expressão e futuro, e que a cultura pode ser uma das principais aliadas para transformar a experiência do envelhecer no Brasil.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Maioria dos projetos para idosos é da sociedade civil e do Sudeste**. Empresa Brasil de Comunicação – EBC, 01 out. 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-10/maioria-dos-projetos-para-idosos-e-da-sociedade-civil-e-do-sudeste>. Acesso em: 24 nov. 2025.

ALGO MAIS. **Projeto Humanidade leva idosos ao Museu Cais do Sertão**. Recife, 2025. Disponível em: <https://algomais.com/projeto-humanidade-leva-idosos-ao-museu-cais-do-sertao/>. Acesso em: 2 nov. 2025.

ANCESTRALIDADES. Nêgo Bispo. **Ancestralidades: Biografias e trajetórias**. Atualização 05 dez. 2023. Disponível em: <https://www.ancestralidades.org.br/biografias-e-trajetorias/nego-bispo>. Acesso: 21 nov. 2025

ANTUNES, Maria Conceição; JESUS, Carla Susana. **O Museu Como Contexto De Educação Comunitária: Um Projeto De Promoção Do Envelhecimento Bem Sucedido**. Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento, [S. l.], v. 23, n. 1, 2018. DOI: 10.22456/2316-2171.74213. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/view/74213>. Acesso em: 24 nov. 2025.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 3, n. 7, p. 170-182, dez. 1989. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/yvtmjR7MGvYKjPDGPgqBv6J/>. Acesso em: 26 nov. 2025.

BASTOS, Adson dos Santos; BARZANO, Marco Antonio Leandro; FERREIRA, Fabiele dos Santos; BULHÕES, Grasielle Sousa; SOUZA, Gervane Gomes de. **Museu como espaço educativo do público da terceira idade**. Revista Aracê, São José dos Pinhais, v. 7, n. 8, p. 1–15, 2025. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/7289>. Acesso em: 4 nov. 2025

BITENCOURT, Rossandra Oliveira Maciel de; DALTO, Fabiano Abranches Silva. **Da Velhice à Terceira Idade: Um Estudo Exploratório Sobre a Evolução Do Conceito e as Implicações Para as Políticas Públicas**. Planejamento e Políticas Públicas, [S. l.], n. 59, 2022. DOI: 10.38116/ppp59art10. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/ppp/index.php/PPP/article/view/1290>. Acesso em: 24 nov. 2025.

BRASIL. Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994. **Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 5 jan. 1994.

Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8842.htm. Acesso em: 24 nov. 2025.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos. **Estatuto da Pessoa Idosa: Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003**. Brasília, DF, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/pessoa-idosa/estatuto-da-pessoa-idosa.pdf/view>. Acesso em: 24 nov. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 2.528, de 19 de outubro de 2006. **Institui a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa**. Brasília, DF, 2006. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt2528_19_10_2006.html. Acesso em: 24 nov. 2025.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). **Política Nacional de Educação Museal (PNEM)**. Brasília, DF: Ibram, 2017. p. 4. Disponível em: pnem.museus.gov.br. Acesso em 16 de nov. 2025.

CASTRO, Fernanda Farias de. **Envelhecendo e cuidando da saúde: a vivência de idosos ribeirinhos do Amazonas**. 2019. Tese (Doutorado em Enfermagem) — Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/214902/PNFR1141-T.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>. Acesso em: 24 nov. 2025.

CEMUPI transforma a rotina da população 60+ em Florianópolis. G1 – SC / Santa Catarina, 29 out. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/especial-publicitario/prefeitura-municipal-de-florianopolis/florianopolis-uma-cidade-para-todos/noticia/2025/10/29/cemupi-transforma-a-rotina-da-populacao-60-em-florianopolis.ghtml>. Acesso em: 24 nov. 2025.

COPETTI, Dhyani Colpo; Wermuth, Maiquel Ângelo Dezordi. **O conceito de biopolítica em Michel Foucault: uma análise a partir do sistema prisional brasileiro**. Salão do Conhecimento, [S. l.], v. 6, n. 6, 2020. Disponível em: <https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaconhecimento/article/view/17848>. Acesso em: 9 nov. 2025.

Clube Doze – Centro Multiuso da Pessoa Idosa (CEMUPI). Rede de Planejamento – Prefeitura Municipal de Florianópolis. Florianópolis: REPLAN, 4 abr. 2025. Disponível em: <https://redeplanejamento.pmf.sc.gov.br/pt-BR/projetos/clube-doze>. Acesso em: 24 nov. 2025.

FALEIROS, Vicente de Paula. **Cidadania e direitos da pessoa idosa**. Ser Social,

Brasília, n.20, p.35-61, 2007. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/view/12766/11166. Acesso em: 24 nov. 2025.

FARIAS, Katia Peres; et al. **Ótica do idoso negro em uma comunidade de terreiro**. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, v. 69, n. 4, p. 590–597, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/WgVK9wZqNjSrJdVjDDRfwbw/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 24 nov. 2025.

FLEURI, R. M., SOUZA, M. I. P. Entre limites e limiares de culturas: educação na perspectiva intercultural In: Educação Intercultural: mediações necessárias ed. Rio de Janeiro : DP&A, 2003, p. 53-84. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/182325/Lc2003_DP%26A_FLEURI_SOUZA_Entre%20limites%20e%20limiares.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 23 nov. 2025.

FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DO AMAZONAS – FAPEAM. **Alunos do projeto Meu Velho Amigo adotam idosos carentes em Manaus**. Manaus, 2013. Disponível em: <https://www.fapeam.am.gov.br/alunos-a-2013/>. Acesso em: 2 nov. 2025.

GOLDENBERG, Mirian. **Corpo, envelhecimento e felicidade na cultura brasileira**. Contemporânea (UERJ), Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 78–85, 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/contemporanea/article/view/2143/1658>. Acesso em: 24 nov. 2025.

IBGE. **População cresce, mas número de pessoas com menos de 30 anos cai 5,4 % de 2012 a 2021**. Agência de Notícias IBGE, 16 ago. 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34438-populacao-cresce-mas-numero-de-pessoas-com-menos-de-30-anos-cai-5-4-de-2012-a-2021>. Acesso em: 24 nov. 2025.

JUSBRASIL. **Art. 230 da Constituição Federal de 1988**. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10643796/artigo-230-da-constituicao-federal-de-1988>. Acesso em: 24 nov. 2025.

MAFFIOLETTI, V. L. R.. **Velhice e família: reflexões clínicas**. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 25, n. 3, p. 336–351, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/sMGR8FRm4MfCdG6vSfbRcrb/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 21 nov. 2025.

MARQUES, F. D., SOUSA, L. M., VIZZOTTO, M. M., & BONFIM, T. E.. (2015). **A Vivência Dos Mais Velhos Em Uma Comunidade Indígena Guarani Mbyá**.

Psicologia & Sociedade, 27(2), 415–427. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v27n2p415>. Acesso em: 21 nov. 2025

MONTE, Karolina. **Quem é e o que pensa Marilena Chauí, filósofa brasileira contemporânea**. Guia do Estudante, 22 set. 2023. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/quem-e-e-o-que-pensa-marilena-chauí-filosofa-brasileira-contemporanea/>. Acesso em: 24 nov. 2025.

MUSEU DO FUTEBOL. **Museu Amigo do Idoso**. São Paulo, 2025. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/acessibilidade/museu-amigo-do-idoso/>. Acesso em: 2 nov. 2025.

NASRI, Fabio. **Demografia e epidemiologia do envelhecimento: o envelhecimento populacional no Brasil**. Einstein (São Paulo), São Paulo, v. 6, n. 1, p. S4-S6, 2008, p. S5. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/26539997_The_aging_population_in_Brazil/fulltext/0ffb730cf2c250b171f7cb/The-aging-population-in-Brazil.pdf. Acesso em: 23 nov. 2025.

NETI – Universidade Aberta para as Pessoas Idosas (UFSC). **História**. Neti-UNAPI. UFSC, 13 out. 2025. Disponível em: <https://neti.ufsc.br/historia/> Acesso em: 24 nov. 2025.

Palácios, J. (2004). **Mudança e Desenvolvimento Durante a Idade Adulta e a Velhice**. Em C. Coll, J. Palacios, & A. Marchesi. Desenvolvimento Psicológico e Educação Psicologia Evolutiva Vol.1 2ª.Ed. Porto Alegre: Artmed.

PINACOTECA DE SÃO PAULO. **Visita técnica: ações educativas com pessoas idosas – Programa Meu Museu**. Disponível em: <https://pinacoteca.org.br/conteudos-digitais/video/visita-tecnica-acoes-educativas-com-pessoas-idosas/>. Acesso em: 4 nov. 2025.

SANTOS, F. H.; ANDRADE, V. M.; BUENO, O. F. A. **Envelhecimento: um processo multifatorial**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 14, n. 1, p. 3–10, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/FmvzytBwzYqPBv6x6sMzXFq/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 24 nov. 2025.

SANTOS, Natascylla Keffer. **A efetivação da política pública voltada à pessoa idosa a partir da experiência na Instituição de Longa Permanência para Idosos em Mariana / Minas Gerais**. Monografia (Bacharelado em Serviço Social) — Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2024. Disponível em: https://monografias.ufop.br/bitstream/35400000/7481/3/MONOGRAFIA_Efetiva%C3%A7%C3%A3oPol%C3%ADticaP%C3%BAblica.pdf. Acesso em: 23 nov. 2025.

SÃO PAULO PRIME. **Tema da 29ª edição da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo em 2025 celebra as pessoas 60+ da comunidade e reforça a luta por dignidade e acolhimento**, 03 jun. 2025. Disponível em: <https://saopauloprime.com.br/2025/06/03/tema-da-29a-edicao-da-parada-do-orgulho-lgbt-de-sao-paulo-em-2025-celebra-as-pessoas-60-da-comunidade-e-reforca-a-luta-por-dignidade-e-acolhimento/>. Acesso em: 24 nov. 2025.

SCHNEIDER, R. H.; Irigaray, T. Q.. **O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais**. Estudos de Psicologia (Campinas), v. 25, n. 4, p. 585–593, out. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/LTdthHbLvZPLZk8MtMNmZyb/?lang=pt>. Acesso em: 21 nov. 2025.

SILVA, Luna Rodrigues Freitas. **Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 155-168, jan.-mar. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/kM6LLdqGLtgqpggJT5hQRCy/?lang=pt>. Acesso em: 20 nov. 2025.

SILVA, Sônia Pereira da. **Lazer na perspectiva do envelhecimento**. 2024. Monografia (Bacharelado em Serviço Social) — Universidade Federal do Tocantins, Miracema do Tocantins, 2024. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/7163/1/Sonia%20Pereira%20da%20Silva%20-%20Monografia.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2025.

SOUSA, Neuciani Ferreira da Silva; LIMA, Margareth Guimarães; BARROS, Marilisa Berti de Azevedo. **Desigualdades sociais em indicadores de envelhecimento ativo: estudo de base populacional**. Ciência & Saúde Coletiva, v. 26, supl. 3, p. 5069-5080, 2021, p. 5070. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csc/2021.v26suppl3/5069-5080/pt>. Acesso em: 16 de nov. de 2025

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS (OEA). **Convenção Interamericana sobre a Proteção dos Direitos Humanos das Pessoas Idosas**. Washington, D.C., abr. 2015. Disponível em: <https://www.ampid.org.br/v1/wp-content/uploads/2014/08/conven%C3%A7%C3%A3o-interamericana-sobre-a-prote%C3%A7%C3%A3o-dos-direitos-humanos-dos-idosos-OEA.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2025.

TRE-PR. **Constituição Federal completa 35 anos: conheça os principais direitos assegurados**. Curitiba, 05 out. 2023. Disponível em:

<https://www.tre-pr.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Outubro/constituicao-federal-compl-eta-35-anos-conheca-os-principais-direitos-assegurados>. Acesso em: 23 nov. 2025.

VIEIRA, Jackelyn. **A invisibilidade do turismo religioso afrodescendente na cidade de Teresópolis – RJ**. 2021. Dissertação — Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021. Orientadora: Prof. Dra. Valéria Lima Guimarães. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/23233/Dissertacao_Jackelyn_Vieira.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 24 nov. 2025

Um desfile de histórias: as escolas de samba do Grupo Especial de Florianópolis.
NDmais. 26 fev. 2019. Disponível em: <https://ndmais.com.br/cultura/um-desfile-de-historias-as-escolas-de-samba-do-grupo-especial-de-florianopolis/>. Acesso em: 24 nov. 2025.

O amor do Morro do Céu pelo Carnaval fez surgir a escola de samba Dascuia.
NDmais, 13 jan. 2018. Disponível em: <https://ndmais.com.br/cultura/o-amor-do-morro-do-ceu-pelo-carnaval-fez-surgir-a-escola-de-samba-dascuia/>. Acesso em: 24 nov. 2025.

APÊNDICE 1 — Questionário para produção de Trabalho de Conclusão de Curso

Este roteiro foi elaborado para orientar entrevistas com as artistas 60+ Lisete Assen, Maria Conceição (Puca) e Juçara Romão, a respeito de suas percepções sobre fazer arte na terceira idade. A partir dessa proposta, construí dois questionários direcionados: o primeiro voltado para Lisete, em função da exposição Virando Esquinas no Espaço Cultural BRDE; e o segundo destinado a Puca e Dona Juçara, considerando a exposição Desfile Dascula na CEMUPI — Clube 12.

Questionário para Lisete Assen, exposição “Virando Esquinas” no Espaço Cultural – BRDE:

1. *Caminhada artística e trajetória*

- Como foi sua trajetória até aqui? Quando e como você percebeu que a arte se tornaria uma parte essencial da sua vida?
- Sua formação como arquiteta e urbanista influenciou de que forma o seu olhar artístico?
- O que te inspira hoje, paisagens, memórias, afetos, pessoas?
- Como você definiria o momento atual da sua produção artística? Há algo que a maturidade tenha transformado na sua maneira de criar?

2. *Envelhecimento e criação*

- Você se considera ou se sente uma pessoa idosa?
- O que significa para você ser uma artista 70+ em atividade?
- Você sente que o envelhecer trouxe novas formas de enxergar a arte, o tempo e a si mesma?
- A velhice alterou seu ritmo, suas temáticas ou seu modo de pintar?
- O processo de envelhecer pode ser também um processo criativo?

3. *Arte, tempo e memória*

- Suas obras dialogam com o tempo, o espaço e o corpo — de que forma a passagem do tempo aparece na sua produção?
- Há alguma memória ou lembrança que costuma retornar nas suas criações?
- Como você vê a relação entre arte e memória — especialmente a memória afetiva e coletiva?
- A pintura em aquarela, com suas transparências e camadas, reflete de alguma forma a ideia de envelhecer, de acumular experiências?

4. *Enfrentando o etarismo (preconceito etário)*

- Você sente que existe preconceito etário no meio artístico ou nas instituições culturais?
- Já vivenciou situações em que sua idade foi vista como obstáculo ou, ao contrário, como potência?
- Como enxerga o espaço destinado às artistas mulheres mais velhas nas exposições e editais?
- O que ainda falta para que as instituições valorizem mais o trabalho de artistas 60+?

5. *Arte, sociedade e partilha*

- O que significa para você expor num espaço público e ver outras pessoas idosas se conectando com sua arte?
- Como você imagina o papel da arte na vida de quem envelhece?
- Acredita que criar e estar em contato com a arte pode ser uma forma de cuidado, de autocura ou de resistência?
- Que mensagem você deixaria para outras pessoas que desejam começar a produzir arte depois dos 60 anos?

6. *Encerramento poético e reflexivo*

- Se pudesse traduzir sua trajetória artística em uma cor, qual seria e por quê?
- O que o envelhecer te ensinou sobre o tempo?
- O que você gostaria que o público sentisse ao olhar suas aquarelas?

Questionário para Dona Puca e Dona Juçara, considerando a exposição Desfile Dasçuia na CEMUPI — Clube 12:

1. *Caminhada artística, memórias e origens*

- O que é ser artista para você?
- Em que momento da vida percebeu que criar — seja costurar, pintar, montar alegorias ou fazer carnaval — faria parte da sua história?
- Crescer e viver na periferia influenciou seu olhar artístico?
- Quem foram as mulheres que mais marcaram o seu percurso?
- O carnaval, especialmente a história do Dasçuia e das escolas da comunidade, teve impacto na sua formação? Como essas tradições atravessam seu trabalho?
- Hoje, olhando para sua trajetória, o que você sente que te fez permanecer na arte?

2. *Envelhecimento, criação e permanências*

- O que significa para você ser uma artista 60+ em plena produção, atuante na cultura e na educação da comunidade?
- Como você percebeu que o envelhecer mudou — ou não — a sua maneira de criar, ensinar ou se expressar?
- Você sente que, ao envelhecer, seus trabalhos artísticos ganharam outras camadas, outros sentidos, outras urgências?
- O envelhecimento trouxe novas inspirações? Que temas passaram a ser mais importantes nesta fase da vida?
- Para você, criar hoje é também uma forma de resistência, de autocuidado ou de afirmação de existência?

3. Arte, comunidade e memória

- Muitas das suas criações carregam histórias do bairro, do morro, das mulheres, do carnaval, do cotidiano. Como as memórias pessoais e coletivas entram no seu fazer artístico?
- Na exposição do Clube 12, vocês levaram o desfile da escola de samba Dascuia em bonecos de pano. O que a experiência desta criação significou para você? Quais memórias vieram? O que aquele desfile simboliza para o território e para vocês, mulheres criadoras?
- Você sente que sua arte ajuda a preservar memórias da comunidade e da cultura negra periférica?
- De que maneira ensinar arte é também compartilhar história, afeto e pertencimento?

4. Etarismo, racismo e exclusões culturais

- Durante sua trajetória, você já sentiu preconceito por ser uma mulher negra, artista e com mais de 60 anos? Como isso aparece no campo da arte e da educação?
- Você percebe que existe menos espaço para artistas mais velhas em editais, exposições e oportunidades culturais?
- Já viveu situações em que sua idade foi vista como obstáculo? Ou, ao contrário, já foi reconhecida pela maturidade e pela força da sua experiência?
- O que você acredita que falta para que mais artistas negras 60+ da periferia tenham visibilidade?

5. Potência criativa, pertencimento e futuro

- O que significa para você expor em espaços públicos e ver outras pessoas idosas se reconhecendo no seu trabalho?
- Como você enxerga a relação entre arte, envelhecimento e autonomia? Criar abre novos sentidos para a vida?

- O que você gostaria que as pessoas sentissem ao ver suas obras — sejam tecidos, bonecas, fantasias, pinturas ou alegorias?
- Para você, qual é a força das mulheres negras 60+ dentro da arte e do carnaval?
- Que mensagem você deixaria para outras mulheres da periferia que querem começar a criar arte depois dos 60 anos?

6. Encerramento sensível

- Se sua trajetória artística fosse uma cor, qual seria?
- O que o envelhecer te ensinou sobre tempo, corpo e liberdade?
- Se pudesse escolher uma imagem para representar sua caminhada, qual seria e por quê?